



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**TERRITÓRIO DE LAZER E
SOCIABILIDADE DE JOVENS LGBT
NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS -
SC**

MARCELO DE ARAÚJO

FLORIANÓPOLIS, 2018

MARCELO DE ARAÚJO

**TERRITÓRIO DE LAZER E SOCIABILIDADE DE JOVENS LGBT NO
CENTRO DE FLORIANÓPOLIS - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia Licenciatura, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Ana Paula Nunes Chaves

A todas as pessoas LGBT que persistem em resistir e lutar em nome daqueles que tiveram suas vidas interrompidas pelo preconceito.

“Se não defendermos aquilo que acreditamos e se não lutarmos pelos nossos direitos, muito em breve teremos tantos direitos quanto a carne que cobre nossos ossos” (Lady Gaga)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente os meus pais Rosângela e Itamar por sempre garantirem que nada me faltasse na vida, principalmente a oportunidade de sempre estudar em escolas boas, com muito trabalho e suor. À minha mãe, por após o falecimento de meu pai, fazer o papel de pai e mãe, por apoiar minha decisão de estudar Geografia na UDESC e garantir que eu pudesse me dedicar exclusivamente aos estudos, mesmo que com muitas dificuldades financeiras. Grande parte das minhas conquistas não aconteceriam se não fosse você, mãe.

Às minhas irmãs Amanda e Marina, por sempre estarem do meu lado independente das brigas (que são muitas) e fazerem meus dias mais felizes, amo vocês.

À minha professora orientadora Ana Paula, por se dispor a me orientar e desde o começo me incentivar na minha escolha de tema. Não poderia ter escolhido orientadora melhor, obrigado por ser sempre tão atenciosa e compreensiva com as minhas dificuldades tanto de escrita como pessoais, com os atrasos de entrega, pelas conversas e pelos ensinamentos ao longo deste percurso até aqui.

A todos que fazem parte da comunidade LGBT e reservaram um tempo para responder ao questionário do trabalho, sem vocês não teria como realizar esta pesquisa. Este trabalho é para vocês, que lutam diariamente por seus direitos e contra as opressões.

Aos amigos com quem cresci, Ciana, Rafaela Borges, Ariel, Vitória, Vitor, grandes amigos que contribuíram para eu me tornar a pessoa que sou hoje, que sempre estiveram ao meu lado quando precisava e ainda permanecem, vocês são muito importantes para mim.

Às amigas Larah, Júlia Latrônico, Geovanna, Vic, Kamilly, Luiza e Graça as quais mesmo meio distantes este ano pelas correrias da vida são pessoas especiais que sou grato de ter na minha vida.

À minha amiga Bárbara, que merece um espaço especial aqui por compartilhar praticamente todos os momentos da graduação comigo, sejam eles os momentos de desespero, de ansiedade, ou de tristeza, como também, todos os momentos bons que passei durante essa trajetória, não sei o que seria de mim sem você amiga.

Aos meus colegas de curso e amigos para vida, Stefany, Ianaê, Rafaela Freitas, Isabella, Thalita, Tamaki, Mário e Ana Flávia, pessoas maravilhosas que se

aproximaram de mim durante o curso, obrigado por deixarem meus dias mais alegres e engraçados mesmo em momentos de estresse e por todas as conversas, sejam elas tristes ou motivadoras.

Ao meu namorado por estar do meu lado nesse momento de estresse e ansiedade e me incentivar a não desistir e ir até o fim, seu apoio foi fundamental.

À minha prima Júlia, que apesar de um pouco distante agora por estar trilhando sua trajetória acadêmica e estudando em outra cidade foi uma pessoa muito importante durante toda minha infância/adolescência e que tenho um imenso carinho.

Aos PETianos que estiveram comigo durante meus três anos de PET Geografia, obrigado por todos aprendizados de trabalho em grupo e por toda educação tutorial.

Aos meus colegas de turma Luiz Jayme e Gleidso, por compartilharem as dúvidas de TCC e me ajudarem quando preciso. Fico feliz de ter vocês como colegas e como amigos, espero que tenham muito sucesso.

Às músicas de Elis Regina, que me motivaram e me deram forças para concluir este TCC no momento político atual do Brasil.

Aos professores do departamento de Geografia da FAED, por contribuírem com a minha formação como geógrafo e professor de Geografia.

E por fim, agradeço às integrantes da banca, professora Vera Lúcia Nehls Dias, que além de parte da banca foi minha tutora no grupo PET Geografia e me ensinou muito durante a minha graduação, e a professora Maria Helena Lenzi. Obrigado, por aceitarem o convite e disponibilizarem seu tempo para leitura do trabalho neste momento tão importante para mim.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso possui o objetivo de identificar a existência de um território de lazer e sociabilidade LGBT no centro do município de Florianópolis – SC. O referencial teórico da pesquisa busca realizar uma breve introdução sobre os trabalhos relacionados à temática de gênero e sexualidade na Geografia além de uma contextualização geral acerca dos conceitos de gênero, sexo e sexualidade dialogando com a categoria comunidade LGBT, com os conceitos de território e de *insiders* e *outsiders*. A obtenção dos dados foi realizada através da aplicação de questionários e da observação dos estabelecimentos de lazer e sociabilidade apontados pela própria comunidade LGBT, possibilitando então que as análises fossem articuladas entre o campo e a teoria. Como resultado foi possível identificar que os estabelecimentos de lazer e sociabilidade LGBT do centro de Florianópolis, conformam um território cíclico e descontínuo.

Palavras-chave: LGBT; Território; Gênero; Lazer; Sexualidade.

RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso tiene el objetivo de identificar la existencia de un territorio de ocio y sociabilidad LGBT en el centro del municipio de Florianópolis - SC. El referencial teórico de la investigación busca realizar una breve introducción sobre los trabajos relacionados con la temática de género y sexualidad en la Geografía además de una contextualización general acerca de los conceptos de género, sexo y sexualidad dialogando con la categoría comunidad LGBT, con los conceptos de territorio y de *insiders* y *outsiders*. La obtención de los datos fue realizada a través de la aplicación de cuestionarios y de la observación de los establecimientos de ocio y sociabilidad apuntados por la propia comunidad LGBT, posibilitando entonces que los análisis fueran articulados entre el campo y la teoría. Como resultado fue posible identificar que los establecimientos de ocio y sociabilidad LGBT del centro de Florianópolis, conforman un territorio cíclico y discontinuo.

Palabras clave: LGBT; Territorio; Género; Ocio; Sexualidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos estabelecimentos de lazer e sociabilidade LGBT no centro de Florianópolis	37
Figura 2 – Mapa dos pontos de observação e de referência	38
Figura 3 – Fachada da Jivago Social Club (ponto 1) no período noturno	47
Figura 4 – Fachada da Jivago Social Club (ponto 1) no período diurno.....	47
Figura 5 – Edifício Comercial Ceisa Center	48
Figura 6 – Entrada do edifício Ceisa Center na Av. Prefeito Osmar Cunha (período diurno).....	48
Figura 7 – Entrada do edifício Ceisa Center no período noturno	49
Figura 8 - Cruzamento da R. Leoberto Leal com a Av. Prefeito Osmar Cunha durante o dia	49
Figura 9 – Cruzamento da R. Leoberto Leal com a Av. Prefeito Osmar Cunha durante a noite	50
Figura 10 – R. Padre Roma e fachada da boate Treze (ponto 2) à esquerda da foto, durante o período diurno.....	50
Figura 11 – R. Padre Roma durante a noite, à esquerda fachada da boate Treze (ponto 2)	51
Figura 12 - Movimento dos carros no cruzamento da Rua Padre Roma com a Rua Francisco Tolentino durante o dia	51
Figura 13 – Cruzamento da R. Padre Roma com a R. Francisco Tolentino durante a noite	52
Figura 14 - Pequenos comércios próximo à boate Treze (período diurno)	52
Figura 15 – Frente do Mercado Vitória durante a noite, após a abertura da boate Treze	53
Figura 16 – Fachada da boate 1007 (ponto 3) durante o dia	53
Figura 17 – Fachada da boate 1007 (ponto 3) no período noturno	54
Figura 18 – Movimento de veículos na Alameda Adolfo Konder durante o dia	54
Figura 19 – Alameda Adolfo Konder durante a noite.....	55
Figura 20 – Edifícios de alto padrão em frente ao ponto 3.....	55
Figura 21 – Grupos de frequentadores em frente ao ponto 3 (período noturno)....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero dos entrevistados	31
Gráfico 2 – Estabelecimentos frequentados pela comunidade LGBT	32
Gráfico 3 – Como os entrevistados se sentem ao frequentarem os estabelecimentos de sociabilidade LGBT	33
Gráfico 4 – Como os entrevistados são tratados pelos outros frequentadores destes locais	34

LISTA DE SIGLAS

LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais e Travestis
GETE	Grupo de Estudos Territoriais
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura
UEPG	Universidade estadual de Ponta Grossa
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
URI	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFT	Universidade Federal do Tocantins
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, <i>Queer</i> , Intersexuais +
LDRV	Lana Del Ray Vevo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DAS CONCEITUAÇÕES INTRODUTÓRIAS	17
1.1 GÊNERO E SEXUALIDADE NA GEOGRAFIA	17
1.2. AFINAL, O QUE ESTAMOS CHAMANDO DE COMUNIDADE LGBT?	19
2. DO CONCEITO DE TERRITÓRIO AO TERRITÓRIO LGBT	23
2.1. DA GEOGRAFIA POLÍTICA À ATUALIDADE	23
2.2. TERRITÓRIO LGBT E OS CONCEITOS DE “ <i>INSIDER</i> ” E “ <i>OUTSIDER</i> ”	26
3. DESCOBRINDO OS ESTABELECIMENTOS DE LAZER E SOCIABILIDADE ..	29
3.2 O CONTATO COM A COMUNIDADE LGBT	30
3.3 DOS ESTABELECIMENTOS DE LAZER E SOCIABILIDADE	39
3.4 PERÍODO DIURNO	39
3.5 PERÍODO NOTURNO	43
5. DA OBSERVAÇÃO À TEORIA.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APÊNDICES	66

INTRODUÇÃO

Os estudos e debates acerca da comunidade LGBT¹ por muitos anos foram um grande tabu entre os diálogos da sociedade, e até mesmo entre as pesquisas científicas. Este tabu no meio científico pode estar associado a certo desinteresse da sociedade heteronormativa em que vivemos, uma vez que os assuntos dessa natureza muitas vezes não são trazidos à tona, tornando-os velados e, por consequência, velam também a luta da comunidade por seus direitos e por seu reconhecimento.

Com muita luta, isso vem sendo quebrado de forma lenta e gradativa na Geografia ao longo dos anos (apesar das diversas resistências) através de pesquisas realizadas por núcleos de estudos relacionados às questões de gênero e sexualidade como, por exemplo, o Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que possui trabalhos de grande destaque na América Latina. Conforme o professor Márcio Ornat, um dos integrantes do GETE,

o, interesse pelos fenômenos sociais relacionados ao gênero e à sexualidade surgiu na segunda metade do séc. XIX, como visto por Phillips (1999). O nascimento desta curiosidade tinha por origem a modificação de uma série de práticas discursivas, como dos sistemas hegemônicos do direito, da medicina e da religião (FOUCAULT, 1988), mas também de outros discursos, como da arte, da pornografia, da antropologia, e da literatura de viagem. (ORNAT, 2008, p.313)

De acordo com Ornat (2008), podemos identificar que o início da discussão das temáticas relacionadas ao gênero e à sexualidade não era interesse de pesquisa na Geografia. Somente a partir de 1970, com o surgimento da Geografia Feminista, este tipo de discussão começa a aparecer dentre os temas da pesquisa geográfica. Ainda segundo o autor, da década de 1990 ao início do século XXI, diversos professores brasileiros, geógrafos, destacam-se por suas pesquisas no âmbito do gênero e da sexualidade, sendo alguns deles: Antônia dos Santos Garcia (Universidade Federal da Bahia, UFBA), Benhur Pinós da Costa (Universidade Federal do Amazonas, UFAM), Carmen Regina Dorneles Nogueira (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI), Doralice Barros Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG), Elizeu Ribeiro Lira (Fundação Universidade Federal do Tocantins,

¹LGBT é a sigla utilizada para identificar: lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis. Utilizada como substituição do termo GLS, que representava: gays, lésbicas e “simpatizantes”, que colocava os homens homossexuais à frente das mulheres homossexuais e não apreendia pessoas trans.

UFT), Ivana Maria Nicola Lopes (Universidade Federal do Rio Grande, FURG), Jones Dari Goettert (Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD) e Joseli Maria Silva (Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG).

Os nomes trazidos por Ornat (2008) certamente não são os de maior destaque hoje em dia, porém foram alguns responsáveis pelo aumento da produção de trabalhos na temática em um tempo onde a produção de pesquisas de gênero e sexualidade na Geografia ainda era pequena.

Diversas pesquisas abordam temáticas de interesse da comunidade LGBT, tanto a partir das relações que ocorrem dentro deste grupo, como também dos conflitos que esta possui dentro dela mesma e com outros demais grupos da sociedade. A partir do momento que estas relações são produzidas e ressignificadas através do discurso, ou até mesmo, através de relações espaciais e territoriais em certo ambiente, a discussão deste tema torna-se essencial para a Geografia.

Apesar de fazer parte da comunidade LGBT, meu primeiro contato com esta temática na Geografia foi quando realizei a disciplina de Geografia Cultural na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Através da disciplina, conheci o GETE e o NEPEC, dois grupos de influência nas publicações acerca das temáticas de gênero e sexualidade, além também de ser meu primeiro contato com a Geografia Cultural. Nesta disciplina, desenvolvi uma grande afeição pela área de estudo e, então, como sempre estive conectado com a Geografia Urbana desde o início do curso, passei a pensar como poderia trabalhar ambas em conjunto.

Frequentando espaços conhecidos como LGBT *friendly*, percebi a grande variedade de relações espaciais e territoriais que ocorrem nestes locais. Relações estas que já vem sendo trabalhadas em diversas partes do Brasil, porém, em Santa Catarina, se buscarmos pelas combinações “Geografia e gênero” ou “Geografia e sexualidade” nos sistemas das bibliotecas universitárias, vemos uma carência imensa e a incipiência destes estudos que, acredito, deva ser favorecida pela produção de mais trabalhos com este viés. Apesar desta carência, destacamos aqui dois trabalhos que contribuíram para continuarmos com o debate acerca do tema: “Sentidos de lugar: Análise das Percepções Espaciais da Comunidade LGBT no Centro de Florianópolis-SC” (SILVA, 2017) e “Travesti não é bagunça: Práticas Territoriais de Travestis no Centro de Florianópolis” (KNABBEN, 2015).

A partir desta visão, surge a importância e pertinência de um trabalho relacionado à temática LGBT com o olhar geográfico, pois acreditamos que apesar de

estar neste ambiente e participando dessas relações ao longo de minhas vivências, a observação como pesquisador, e não apenas como participante, torna-se extremamente necessária para a análise destes espaços.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo identificar a existência de um território LGBT no centro de Florianópolis – SC. Tomamos como base os conceitos de Marcelo Lopes de Souza para identificar se os estabelecimentos de lazer e sociabilidade LGBT no centro de Florianópolis podem vir a configurar um território. Para tanto, o presente trabalho consta de pesquisa bibliográfica sobre o tema, aplicação de questionários com a comunidade LGBT, além de analisar, por meio de observações de campo, como os estabelecimentos elegidos se manifestam nos diferentes momentos do dia. Busca-se, então, nesta pesquisa, estabelecer conexões acerca das questões de gênero e sexualidade com, especialmente, o conceito de território. Propomos analisar os espaços de sociabilidade LGBT e as relações que ocorrem nestes espaços onde, de certa forma, despertaram meu olhar geográfico quanto ao entendimento e a identificação das relações de poder presentes nestes locais. Para tanto, fizemos uso do aporte teórico da Geografia Cultural e, em grande medida, da Geografia Urbana, para uma análise cotidiana destes ambientes que podem vir a ser caracterizados como território LGBT.

A elaboração deste trabalho de conclusão de curso vem como modo de valorização e contribuição para os estudos incipientes da Geografia Cultural, que vem de forma gradativa progredindo de maneira bastante significativa no Brasil nos últimos anos e tem conquistado cada vez um espaço maior dentro da Geografia. Sendo assim, ao trabalhar em uma escala local, alcançamos o engrandecimento dos estudos das relações que estão espacializadas e territorializadas diante dos nossos olhos e também do aprofundamento de estudos já realizados acerca destes espaços. O intuito deste trabalho, além da valorização da temática e das áreas de abrangência, consiste, também, no mapeamento destes espaços para observação e identificação de suas apropriações, além de analisar as alterações da ocupação durante os diferentes momentos do dia. Sendo assim, o presente trabalho está dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos os conceitos de gênero, sexo e sexualidade utilizados na pesquisa como base para o início da discussão e entendimento da existência destes espaços, assim como da categoria comunidade LGBT. Esta categoria vem a ser explorada como uma contextualização da discussão das questões que permeiam o âmbito da sexualidade e, também, indissociavelmente,

do gênero, já que se acredita que estes são os fatores determinantes para o estudo dos estabelecimentos elencados.

No segundo capítulo, pretendemos realizar uma breve introdução sobre o histórico do conceito de território na Geografia, chegando nas concepções de território segundo Souza (2003) e Raffestin (1993), afim de relacionar estas com a produção do território LGBT e os conceitos de *insider* e *outsider* de Elias & Scotson (2000).

Já no terceiro capítulo deste trabalho, encontram-se os procedimentos metodológicos que levaram à empiria da pesquisa, e a descrição dos dados coletados através destes processos realizados, conceituando o leitor acerca da realidade dos ambientes estudados e da visão dos frequentadores.

Por fim, o quarto capítulo, vem de modo a movimentar o referencial teórico trabalhado no primeiro e no segundo capítulo de forma a subsidiar as análises feitas a partir do estudo de campo, trazendo então a resposta para os questionamentos trazidos ao longo da pesquisa e, por fim, serem realizadas as considerações finais do trabalho.

Desta forma, a presente pesquisa, dividiu-se em quatro etapas, sendo elas: uma pesquisa bibliográfica a partir dos trabalhos selecionados para o diálogo teórico, coleta de dados através da aplicação de questionários com a comunidade LGBT, saída de campo para os espaços elencados para o estudo analítico e finalizando, uma análise articulando os resultados de todas as etapas anteriores.

1. DAS CONCEITUAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Neste capítulo buscamos fazer uma breve contextualização das temáticas de gênero e sexualidade na Geografia. Ao longo do texto, pretendemos caracterizar os conceitos de gênero, sexo e sexualidade, assim como a categoria comunidade LGBT, com o intuito de apresentar a temática deste trabalho de conclusão de curso e, também, situar o leitor acerca da pesquisa.

1.1 GÊNERO E SEXUALIDADE NA GEOGRAFIA

Os estudos de gênero e sexualidade na Geografia, apesar do aumento dos trabalhos na área, continuam ainda sendo uma minoria dentro da ciência quando relacionados a estudos em campos já consagrados, como na Geografia Agrária, Geografia Urbana, Geomorfologia ou Climatologia.

Estes trabalhos são identificados como minoria dentro dos estudos da Geografia, não pela quantidade de pesquisas já realizada, mas sim pela grande desvalorização desta temática tão importante para a atualidade. Os trabalhos que já existem não possuem tanta visibilidade como os trabalhos dos campos consagrados da Geografia, dificultando a perpetuação das áreas de estudo pertinentes à esta temática mesmo com diversos canais de divulgação.

Segundo Ornat (2008), tal desvalorização dos trabalhos acerca destas temáticas na Geografia se deve ao fato da diminuição dos trabalhos que tratam de gênero e sexualidade em comparação às pesquisas de Geografia Humana, Geografia Urbana e Geografia Política. A área atualmente conhecida como Geografia Feminista ainda é muito pouco explorada dentre os trabalhos acadêmicos. Acredita-se aqui, que esta diminuição está intrinsecamente ligada ao fato de vivermos em uma sociedade hegemonicamente heteronormativa, o que dificulta a reprodução e a visibilidade destes estudos, o que reflete na limitação de seu avanço no âmbito científico e acadêmico.

Ornat (2008) aponta que após uma pesquisa realizada no portal de Dissertações e Teses da CAPES e na Biblioteca Digital de Dissertações e Teses, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), utilizando-se das palavras-chave, gay, gênero, homossexual, lésbica, prostituição, *queer*, sexualidade, transexual, travesti, travestilidade, a partir do ano de 1987, foram encontrados apenas trinta e três trabalhos relacionados à Geografia. Apesar de esta pesquisa ter sido

realizada há dez anos, a mesma ainda reflete o silenciamento e desinteresse das temáticas de gênero e sexualidade que ocorrem até hoje em relação aos demais eixos temáticos da Geografia.

Ainda segundo Ornat (2008, p. 312), no que concerne às pesquisas em geografia, “os ambientes de interlocução também são em pequeno número, restringindo-se no Brasil aos encontros do Simpósio de Espaço e Cultura (NEPEC), encontros multidisciplinares, e outros em que estas discussões são periféricas ou deslocadas”. Atualmente, diferente da época de estudo de Ornat (2008), os canais de divulgação expandiram de forma grandiosa, como exemplo, temos a Revista Latino Americana de Geografia e Gênero que possui um grande acervo sobre a temática.

Nos próprios currículos brasileiros dos cursos de Geografia, nota-se a falta dos estudos de gênero e sexualidade. A heteronormatividade, predominante na cultura brasileira, faz com que a inclusão destas discussões, completamente contemporâneas e pertinentes, sejam muitas vezes relegadas a segundo plano no âmbito acadêmico. É com muito esforço que os núcleos de estudos que persistem em abordar estas temáticas em suas pesquisas alcançam destaque.

Em uma rápida busca no portal de periódicos da CAPES, analisando parte dos trabalhos publicados na pós-graduação, foi possível perceber que, atualmente, na Geografia, os trabalhos vinculados à temática encontram-se, em grande parte, interligados aos estudos territoriais e espaciais. Estes estudos procuram refletir sobre a relação das “minorias” de gênero e sexualidade com os espaços que ocupam na sociedade e o resultado da espacialização e territorialização das relações que ocorrem entre estes grupos. Busca-se assim, por meio destes, compreender como estes processos acontecem e por que, levando em consideração que estas relações mostram-se bastante presentes e configuram os mais diversos tipos de território, espaços, territorialidades, espacialidades e lugares.

Dentre os que se aventuram a lutar para a conquista do lugar das discussões de gênero e sexualidade na Geografia, destaca-se aqui a importância dos trabalhos elaborados por núcleos de estudos territoriais e de cultura, além dos pesquisadores que, ao decorrer de sua trajetória acadêmica, persistem em realizar suas pesquisas e seus trabalhos de conclusão de curso na área.

Pode-se tomar como exemplo o GETE (Núcleo de Estudos Territoriais) da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), coordenado pela professora Joseli Maria Silva e pelo professor Márcio José Ornat, que possuem um reconhecimento nacional

e internacional por suas publicações e projetos, como a criação da Revista Latino Americana de Geografia e Gênero². Outro exemplo é o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenado pela professora Mariana Lamego, também responsável pela revista Espaço e Cultura³, importante canal de divulgação dos trabalhos dos estudos culturais e urbanos.

1.2. AFINAL, O QUE ESTAMOS CHAMANDO DE COMUNIDADE LGBT?

As discussões acerca da comunidade LGBT, debatidas neste trabalho, partem das problematizações trazidas por Barreto (2010) sobre a segregação homoafetiva, Butler (2010) sobre as discussões de gênero e sexo biológico, além também da pesquisa de Knabben (2015) sobre o território das travestis no Centro de Florianópolis.

A sigla LGBT é a variação da sigla GLS, utilizada anteriormente a essa para caracterizar gays, lésbicas e simpatizantes. Gays seriam então os homens homossexuais, lésbicas seriam as mulheres homossexuais e, por fim, simpatizantes seriam aqueles que não eram nem gays, nem lésbicas, porém, compactuavam com a luta pelos direitos destes.

Com o tempo, a sigla GLS foi gradativamente substituída, tendo em vista que além de colocar os homens gays à frente da sigla (homens estes, considerados com mais privilégios que as mulheres lésbicas pelo simples fato de serem homens), não contemplava também as pessoas bissexuais, transexuais, transgêneros e travestis. Assim, a sigla GLS foi, então, substituída pela sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros e travestis).

A criação desta nova sigla foi de certa forma um avanço em relação a representatividade e visibilidade de toda comunidade LGBT, pois colocou em questão a situação real das pessoas trans na sociedade.

A causa trans tem se tornado cada vez mais visível pela força do movimento e pelo empoderamento destas pessoas perante a sociedade diante da luta pela conquista de seus direitos. Na letra “T” da sigla LGBT, estão representadas as pessoas transgêneros, transexuais e travestis.

As travestis realizam modificações – significações – no corpo como implantação de próteses de silicone, pintar unhas, deixar o cabelo longo,

² <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

³ <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura>

utilização de roupas do vestuário caracterizado como feminino e utilizam de maquiagens, por exemplo. (KNABBEN, 2015, p.19)

No que diz respeito às pessoas transgêneros, transexuais e travestis, Knabben (2015), vai defender que as travestis são aquelas pessoas que incorporam os estereótipos da feminilidade ao seu corpo por não se identificarem com o gênero masculino, sem necessariamente sentir a necessidade de realizar cirurgia para modificação da genitália.

As pessoas transgêneros, além de não se enquadrarem como travestis e transexuais, são aquelas que estão em “trânsito entre gêneros” (KNABBEN, 2015, p.20). Já as pessoas transexuais, são aquelas as quais já passaram pelo trânsito de gênero, ou seja, realizaram a cirurgia para mudança da genitália para então se afirmar do outro gênero. É importante ressaltar que estas mudanças estão relacionadas às questões de gênero e/ou de sexo biológico, ou seja, independem da sexualidade. Os demais grupos componentes da sigla LGBT, lésbicas, gays e bissexuais, estão relacionados à questão da sexualidade.

A sexualidade (ou orientação sexual) não possui relação com a questão da identidade de gênero e, sim, ao desejo ou afeto pessoal de cada um, ou seja, está relacionado às relações que a pessoa possui. Se a pessoa se sente atraída por pessoas do sexo oposto, esta é identificada como heterossexual, se possui desejo por pessoas do mesmo sexo, homossexual, ou bissexual por ambos os sexos.

Atualmente, a sigla LGBT, teoricamente, já foi substituída novamente pela nova sigla LGBTQI+, que além de englobar lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros, agora engloba, também, pessoas *queer* e intersexuais.

Nos trabalhos de Judith Butler (2010), podemos perceber a tônica da teoria *queer*. Esta é uma teoria discutida em contraponto ao feminismo de Simone de Beauvoir e todas as demais teorias feministas que defendiam a categoria mulher cis. O termo cis faz referência a cisgênero, ou seja, à pessoa que se identifica com o gênero designado em seu nascimento. Diferente das pessoas trans que passam pela transição de gênero. Nesses trabalhos, o instrumento principal de luta política (geralmente vertentes do feminismo radical) prega a “construção variável de uma identidade”, ou seja, não podemos mais considerar a identidade “em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2010, p. 18 apud FIGUEIREDO, 2018, p. 41).

Para Butler, deve-se considerar a fluidez do sexo e do gênero, utilizando, então, do argumento que diz que o sexo (natural e biológico) também é construído

socialmente, assim como o gênero, já que a não fluidez destes conceitos são proporcionados pela “heterossexualidade compulsória” imposta pela sociedade heteronormativa em que vivemos.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (BUTLER, 2010, p. 25 apud FIGUEIREDO, 2018 p. 41).

Butler (2010) traz a visão de sexo e gênero como uma única coisa, pois assim como o gênero, o chamado sexo é uma criação social, mais um termo criado pelo homem, não podendo então ser concebido como natural.

A “heterossexualidade compulsória”, trabalhada por Butler (2010), diz respeito ao fato de ao nascer todos os indivíduos estarem submetidos a crescerem e se manterem como heterossexuais, por mais que não seja de seu desejo. Os padrões e estigmas acerca da sexualidade na sociedade giram em torno da heterossexualidade, tida como sexualidade correta por muitos, o que faz com que os indivíduos tentem se adequar a este padrão para que sejam aceitos na sociedade.

Esta visão de Butler diferencia-se da concepção trazida por Beauvoir (1949) em sua obra “O segundo sexo”. Beauvoir (1949) conceitua o sexo biológico como algo natural, definido a partir das características do ser humano no seu nascimento, independente de escolhas e influência da cultura. Já o gênero seria o “ato proposital de se assumir, por meio de atos e habilidades, um estilo corpóreo de significados” (SANTOS, 2010), ou seja, construído socialmente a partir das características que você incorpora após o contato com as diferentes culturas, podendo elas serem femininas ou masculinas independente do seu sexo biológico. Defende-se aqui a importância desta definição, pois as condições naturais concebidas no nascimento de um ser humano são determinantes para o seu tratamento na sociedade, ou seja, se você nasce com a genitália masculina, seus privilégios perante a sociedade serão maiores do que aquelas que nascerem com a genitália feminina.

Com base nessas proposições apresentadas, deixa-se claro que esta pesquisa se restringirá ao uso da sigla LGBT e não LGBTQI+ (ou qualquer outra nova variação). Além de tratar o sexo biológico como natural e não construído socialmente como gênero. Acredita-se, pois, que o acréscimo de novos grupos à sigla LGBT vem sendo realizado na atualidade a partir de teorizações as quais, muitas vezes, vem de

encontro às primeiras ondas do feminismo, como dito por Figueiredo (2018) em sua leitura de Butler (2010).

Nesse sentido, consideramos que a teoria *queer* é uma teoria a qual tende para uma vertente liberal que, de certa forma, vem de encontro às primeiras ondas do feminismo. Posicionamento que se distancia dos objetivos desta pesquisa. Defende-se neste trabalho, então, todas as minorias pertencentes à sigla LGBT, porém de forma alguma deixamos de lado o reconhecimento a todas as mulheres cis que lutam pela causa feminista por terem nascido com a genitália feminina.

Podemos nos perguntar o porquê de se conceituar estes termos em uma pesquisa de cunho geográfico, mas com certeza, veremos que todos estes conceitos e categorias são de extrema importância para a presente pesquisa. Partimos do pressuposto que estes agrupamentos sociais, conforme uma determinada classificação, são responsáveis por definir o motivo da segregação da comunidade LGBT em um território de sociabilidade específico. A disputa por um espaço é determinada por estes fatores, que entram em conflito com os padrões estabelecidos pela sociedade heteronormativa gerando a segregação deste grupo perante os indivíduos cis e heterossexuais.

2. DO CONCEITO DE TERRITÓRIO AO TERRITÓRIO LGBT

Quando definimos espaços de sociabilidade LGBT como territórios, é preciso ponderar o que se entende por território nesta pesquisa. Para isso, este trabalho utiliza de conceitos de autores como Marcelo Lopes de Souza (2003) e Claude Raffestin (1993) a fim de explicar este conceito. Além destes autores, utilizamos também Norbert Elias e John L. Scotson (2000) e Fernando de Souza Pinho (2010) para aprofundamento na questão da segregação territorial de grupos marginalizados.

2.1. DA GEOGRAFIA POLÍTICA À ATUALIDADE

Souza (2003) em “O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento”, artigo publicado na obra “Geografia: Conceitos e Temas”, organizado por Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa, dialoga com a epistemologia do conceito de território desde a perspectiva da Geografia Política, explicitando como o conceito foi sendo complementado até a Geografia atual. Souza (2003) propõe também a caracterização de novos tipos de territórios a partir da sua visão sobre o conceito, visão esta, trabalhada no presente trabalho de conclusão de curso e aprofundada neste capítulo.

Segundo Souza (2003), o conceito de território vem sendo estudado e aprofundado cada vez mais tendo em vista a rigidez que o conceito apresentou ao longo dos anos não só para a ciência geográfica, mas para a sociedade como um todo. Por muito tempo a concepção de território restringia-se à combinação das características físicas de determinado espaço delimitado por fronteiras naturais e fixas, ou seja, abrangia apenas a determinação do “espaço concreto” e sua concepção estava atrelada à visão de território como nação e espaço alvo de disputas, como as guerras.

Com a Geografia Política o conceito de território, apesar de ainda manter uma visão restrita à conceituação do território como nação, passou a agregar também as questões sociais. Essa nova visão do conceito não deixou de lado o olhar do território como nação, mas, abrangeu a categoria além de determinantes físico-naturais, passando a considerar o espaço como produzido e como produtor.

Ainda segundo Souza (2003), mesmo com a Geografia Política, a rigidez acerca do conceito de território manteve-se na Geografia por muito tempo. Até na atualidade, as marcas desta percepção se fazem extremamente presentes, seja no

diálogo cotidiano da população, ou até mesmo na ciência geográfica e nos conteúdos escolares.

Na Geografia Política, o território ainda se mantinha intrinsecamente ligado ao espaço concreto, ao *boden* (solo), o que tirava do território seu caráter político e muitas vezes acabava por mesclar o conceito de território com o conceito de espaço, tratando estes como similares. Essa indissociabilidade do social com o concreto determinava que a identidade cultural do grupo que ocupava determinado território estava diretamente ligada ao meio e necessariamente com o poder “controlador” exercido por este, sendo assim, o território instituíria-se apenas com a durabilidade desta relação, pois somente assim seria gerada uma identidade socioespacial com aquele *boden*.

Esta concepção de território não deve ser excluída, porém, lê-se aqui que a afirmação desta concepção como única na atualidade pode tirar de cena as movimentações e transformações constantes dos grupos sociais urbanos conhecidos por muitos como tribos urbanas, já que esta se remete ao espaço físico como foco principal quando se fala de território.

Muitas vezes, as práticas de um grupo em seu território podem vir a acontecer durante semanas, meses, dias, horas ou, também, como esta pesquisa vem a tratar, durante os diferentes períodos de um único dia. Essas práticas vão além da análise de um espaço absoluto, suporte para ações humanas, mas é um espaço produto de inter-relações, coabitado pela heterogeneidade e constituído por distintas trajetórias (MASSEY, 2009). Nesse sentido, são práticas espaciais diretamente ligadas a diferentes culturas (produtoras de elementos culturais), valores e costumes.

Territórios, que são no fundo antes *relações sociais projetadas no espaço* [...], podem, conforme já se indicara na introdução, formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo. (SOUZA, 2003)

Souza (2003) traz à tona uma visão do conceito de território que permite com que as dinâmicas desses grupos sociais possam ser enquadradas como dinâmicas territoriais, afastando-se do pensamento da Geografia Política apresentada, principalmente, por Friedrich Ratzel. Um território não precisa necessariamente de uma determinada durabilidade, pode-se ver nos dias de hoje que muitos grupos exercem o poder em determinada localidade e possuem uma relação bastante instável

com este. Como exemplo disso, Souza (2003) traz as zonas de prostituição, que muitas vezes durante o dia possuem um “ócio” em relação a estas atividades e destacam-se outras.

A teia ou rede de relações sociais que Souza (2003) coloca em questão, pode ser observada em outros territórios urbanos além dos territórios de atividades de prostituição, podem acontecer em praças, parques, bairros, ruas ou até mesmo em espaços de lazer e sociabilidade como trata o presente trabalho. Souza (2003), no artigo “O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”, define quatro tipos de territórios: cíclico, móvel, descontínuo e contínuo.

O território descontínuo articula variadas escalas espaciais e em todas elas deve haver ações de controle ou o poder que gera as fronteiras delimitadoras e os processos de inclusão ou exclusão de pessoas e comportamentos. (ORNAT, 2014 apud SOUZA, 1995, p.116)

Para Souza (2003), o território descontínuo constitui-se em uma rede que articula dois ou mais territórios contínuos, sendo assim, este é caracterizado como um território rede. Para ilustrar o conceito, o autor utiliza em sua pesquisa o exemplo das organizações criminosas do Rio de Janeiro, construindo uma ponte entre o sentido usual do território (ligado à relação fixa com um espaço) e a rede (onde não há restrição de relação somente com um espaço) que envolve diversos pontos que quando representados de forma gráfica, cria arcos de ligação que sistematizam a circulação entre estes pontos. Sendo assim, neste caso, o território descontínuo seria caracterizado pela rede de diferentes organizações criminosas de tráfico de drogas, disputando o mercado consumidor.

Já no caso do território contínuo, não se fala em diversidade de pontos, nem em redes e, sim, na análise apenas de uma superfície. Para o entendimento desse território, devemos analisar a estrutura interna da superfície como um todo. Souza (2003) caracteriza então como um território contínuo, uma favela territorializada por apenas uma organização de tráfico de drogas.

Para a classificação de território móvel então, toma-se como exemplo o território de prostituição, tendo em vista que segundo Souza (2003) este é um território fluído, que sofre alteração em sua área de abrangência de forma bastante constante. Já para o território cíclico, podemos tomar como exemplo uma praça, a qual durante os diferentes períodos do dia é ocupada por grupos sociais diferentes.

Raffestin (1993), em sua obra “Por uma Geografia do Poder”, mostra uma

construção crítica acerca do conceito de território trabalhado por Ratzel na Geografia Política, afirmando que sua concepção de poder é focalizada apenas na relação entre solo (*boden*) e Estado (nação). O autor defende que o Estado é produzido pelas comunidades que se apropriaram do solo e traz o foco para as relações formadas a partir do espaço, de certa forma, articulando ainda o território ao espaço físico, diferente de Souza (2003). Porém, suas análises são importantes para entendermos que o território não necessariamente é o espaço, mas pode vir a se formar da relação de determinado grupo com este.

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143, apud BARRETO, 2010, p. 5)

É importante ressaltar aqui, também, que quando trabalhamos o conceito de território, não estamos excluindo a categoria espaço do foco de estudo. O território não é apenas, mas é também um produto do espaço, gerado pelo grupo social que o constrói através das relações de poder que exerce sobre este. Assim, toma-se aqui, que estes dois conceitos se articulam de uma forma indissociável e fundamental para a elaboração das análises que pretendemos a seguir. Nesse sentido, nos perguntamos: Seriam os espaços frequentados pela comunidade LGBT exemplos de territórios?

2.2. TERRITÓRIO LGBT E OS CONCEITOS DE “*INSIDER*” E “*OUTSIDER*”

Aqui, o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou comunidade, os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*). (SOUZA, 2003, p.86)

Esta relação entre os membros da comunidade e os “outros”, ou seja, *insiders* e *outsiders*, está bastante presente nas pesquisas que abordam as temáticas de gênero e sexualidade em congruência com a questão do território.

As noções de *insiders* e *outsiders* foram trabalhadas e aprofundadas inicialmente por John Scotson e Norbert Elias, na obra “Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade” (2000). Neste trabalho, Elias e Scotson analisam uma cidade no interior da Inglaterra que, na década de 50, era dividida em zonas, sendo elas: Zona I, Zona II e Zona III.

A Zona I, era ocupada pela parte abastada da população e as Zonas II e III, ocupadas pela classe operária. Esta pequena cidade é considerada pelos autores como um exemplo de segregação, não por classe, mas pelo fato de que a população das Zonas I e II era mais antiga, sendo considerada a população estabelecida, ou seja, *insider*, diferente da população da Zona III, povoada por ingleses vindos do norte do país em busca de novos empregos e tida como “forasteira”, os *outsider*.

Costumeiramente, os membros dos grupos outsiders são tidos como não observantes dessas normas e restrições. Essa é a imagem preponderante desses grupos entre os membros dos grupos estabelecidos. [...] O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 26)

Pinho (2010) utiliza no artigo “Território da(s) Cultura(s) Gays(s): Rupturas ou Permanências” os conceitos de *insider* e *outsider* para nos trazer o seguinte questionamento: Seriam os homossexuais *outsiders* e os heterossexuais os *insiders*? E conclui:

Pensar aproximações entre estabelecidos/outsiders e heterossexuais/gays remete mais às diferenças do que as semelhanças, tomando o estudo de Elias e Scotson como parâmetro de análise e comparação. Todavia, em se tratando da “questão gay”, estes elementos de diferenciação desempenharam um importante papel estratégico no questionamento do status quo e como instrumentos de luta. (PINHO, 2010, p.13)

Este tipo de conclusão nos faz refletir sobre a estrutura da sociedade. Claro que Elias e Scotson, quando trataram sobre a população dos bairros de Winston Parva, não estavam falando de gênero ou sexualidade, mas, a relação que acontece neste caso pode nos levar a estabelecer a mesma lógica de análise. A heterossexualidade é o padrão considerado correto pela sociedade, sendo assim, os homossexuais seriam “os outros”. Pinho (2010) ainda afirma:

[...] a cultura gay como experiência deu origem a lugares de resistência, de sociabilidades outras e de formas distintas de ver o mundo. Alguns autores definem esses lugares como “gueto gay”, ainda que sob esta denominação se atualize um sentido pejorativo. Mas, o tal “gueto gay” seria um espaço de auto-segregação? Seria um espaço de resistência ou de pertencimento? (PINHO, 2010, p.9)

Se a cultura gay deu origem a lugares de resistência e de sociabilidades, poderia a comunidade LGBT como um todo dar origem a um território de sociabilidades e resistência? Que tipo de território? Seria a comunidade LGBT *outsider* assim como as pessoas homossexuais? São questionamentos que só o estudo empírico desta pesquisa nos responderá.

A análise de espaços ao longo do dia torna-se indispensável neste trabalho para que a mudança da ocupação destes territórios, e sua durabilidade, sejam retratadas em sua forma integral. Assim como os territórios de prostituição, é possível que territórios de sociabilidade LGBT no centro de Florianópolis mostrem-se com diferentes funções no decorrer do dia, mais especificamente, entre o dia e a noite. Com a mudança do período do dia, as funções podem mudar, os frequentadores e também as atividades aparentes.

.

3. DESCOBRINDO OS ESTABELECIMENTOS DE LAZER E SOCIABILIDADE

3.1 PROCEDIMENTOS PARA ELABORAÇÃO DA PESQUISA

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar como se dá a territorialização da comunidade LGBT no centro de Florianópolis - SC, além de elucidar quais são os espaços que delimitam este território e como este se manifesta nos diferentes momentos do dia.

A pesquisa, em sua maior parte, possui cunho qualitativo e dentre os objetivos específicos, elencamos: a) Mapear espaços de sociabilidade da comunidade LGBT no centro de Florianópolis; b) Eleger três estabelecimentos, de uso exclusivo ou preferencial relacionados a atividades de lazer, para análise da dinâmica espacial ao longo de diferentes momentos do dia; c) Identificar e classificar as apropriações decorrentes destes espaços; e d) Analisar a influência que a comunidade LGBT exerce sobre o território frequentado.

Para alcançarmos o primeiro objetivo específico, elaboramos e aplicamos um questionário com os frequentadores de territórios de sociabilidade LGBT no centro de Florianópolis. Para mapear estes espaços, fizemos uso da amostragem em “bola de neve” (VINUTO, 2014). A formulação do questionário com perguntas específicas (Apêndice 1) nos permitiu verificar e mapear a existência de territórios de sociabilidade LGBT no centro da cidade. A elaboração deste questionário ocorreu durante a última semana do mês de agosto de 2018 e a aplicação ocorreu na primeira semana do mês de setembro de 2018, com o uso da plataforma *Google Forms*.

O questionário foi lançado em um grupo virtual brasileiro, popularmente conhecido entre a comunidade LGBT como “LDRV” (abreviação de Lana Del Rey Vevo). Consideramos que por ser um grupo com muitos inscritos, cerca de 430.000 membros, além de bastante conhecido entre este público, poderia atingir tanto a comunidade LGBT de Florianópolis como também pessoas de outras cidades que poderiam já ter visitado a cidade ou morado nela.

O primeiro objetivo do questionário foi identificar os entrevistados a partir de um breve perfil composto pelo gênero e pela cidade onde mora, sendo possível, assim, identificar se o entrevistado mora em Florianópolis, na região da Grande Florianópolis (que abrange os municípios vizinhos) ou em outras cidades. O segundo objetivo consistia em mapear os possíveis espaços e/ou estabelecimentos frequentados pela comunidade no centro da cidade, questionando quais destes

espaços o entrevistado já frequentou.

O terceiro objetivo seria identificar se estes frequentadores percebem conflitos com outros grupos que também acabam frequentando estes ambientes e se já sofreram e/ou presenciaram algum tipo de violência social.

E, por fim, o quarto objetivo seria analisar se os entrevistados percebem alguma alteração ao decorrer do dia no ambiente onde estes possíveis estabelecimentos estivessem localizados.

A partir das respostas foram eleitos três espaços que compõe o território de sociabilidade LGBT para observação durante os períodos diurno e noturno. O critério para seleção dos três espaços de uso exclusivo ou preferencial aconteceu de acordo com a visibilidade nos resultados dos questionários, ou seja, os três estabelecimentos selecionados foram os que apareceram mais vezes nas respostas dos entrevistados, supondo, então, que estes são os principais e mais frequentados espaços.

Para a última etapa da pesquisa, voltada à identificação e classificação das apropriações decorrentes destes espaços; e análise da influência que a comunidade LGBT exerce sobre o território frequentado, fizemos uso da observação. As observações ocorreram nos períodos matutino, vespertino e noturno, durante seis dias, contabilizando um total de doze horas.

A observação dos ambientes aconteceu após a finalização da aplicação dos questionários, quando os resultados já haviam sido obtidos e os espaços de observação definidos. Durante a observação, fizemos uso do registro fotográfico e de um caderno de campo.

Para a análise dos dados, utilizamos quatro critérios norteadores para a discussão, sendo eles: a quantidade de pessoas que frequentam estes ambientes nos diferentes momentos, os afazeres destas pessoas e a diferença entre os grupos de frequentadores.

3.2 O CONTATO COM A COMUNIDADE LGBT

O questionário elaborado para coleta de dados para pesquisa consolidou-se através de treze perguntas, sendo elas as seguintes: 1) Você faz parte da comunidade LGBT? 2) Qual o seu gênero? 3) Você mora em Florianópolis? 4) Se não mora em Florianópolis, mora em que cidade? 5) Costuma frequentar, ou já frequentou, locais de sociabilidade LGBT no Centro de Florianópolis? (Bares, baladas, centros culturais,

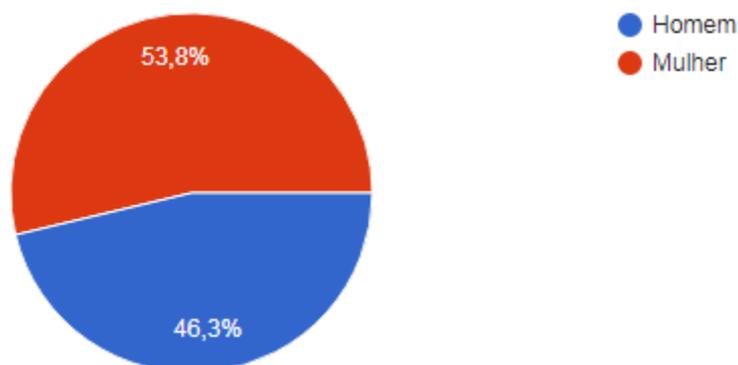
festas...) 6) Qual o nome destes locais que você costuma/costumava frequentar? (no Centro da cidade) 7) Como você se sente quando frequenta estes locais? Se sente incluído(a) ou pertencente? 8) Por que você frequenta estes locais? 9) Como você é tratado(a) pelos outros frequentadores destes locais? 10) Percebe conflitos entre os diferentes grupos sociais que frequentam estes locais? 11) Já sofreu algum tipo de violência social (física/moral) nestes espaços? Relate. 12) Costuma frequentar estes espaços em diferentes momentos do dia? 13) Percebe alguma mudança nestes espaços ao longo dos diferentes períodos do dia? Se sim, que tipo de mudança?

As questões de número 4, 6, 8, 11 e 13 eram questões discursivas, já que estas exigiam respostas específicas, opinião dos entrevistados ou relatos, e as demais, objetivas. Estas questões nos permitiram gerar uma breve caracterização do perfil dos entrevistados, assim como, atingir os demais objetivos elencados anteriormente.

Após a aplicação da pesquisa online, o número de questionários respondidos foi de oitenta e os objetivos pré-definidos foram atingidos. A questão de número 1 (Você faz parte da comunidade LGBT?) serviu como filtro para a definição do público alvo. Como o público alvo era a comunidade LGBT, aqueles que respondessem que não fazem parte da comunidade, teriam seus questionários finalizados.

Com as respostas da questão de número 2 (Qual o seu gênero?), foi possível perceber que as pessoas alcançadas pelo questionário foram em sua maior parte mulheres, totalizando 53,8% dos entrevistados. Já as pessoas do gênero masculino, totalizaram 46,3% dos resultados, como ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Gênero dos entrevistados



Com a questão de número 3 (Você mora em Florianópolis?), percebemos que,

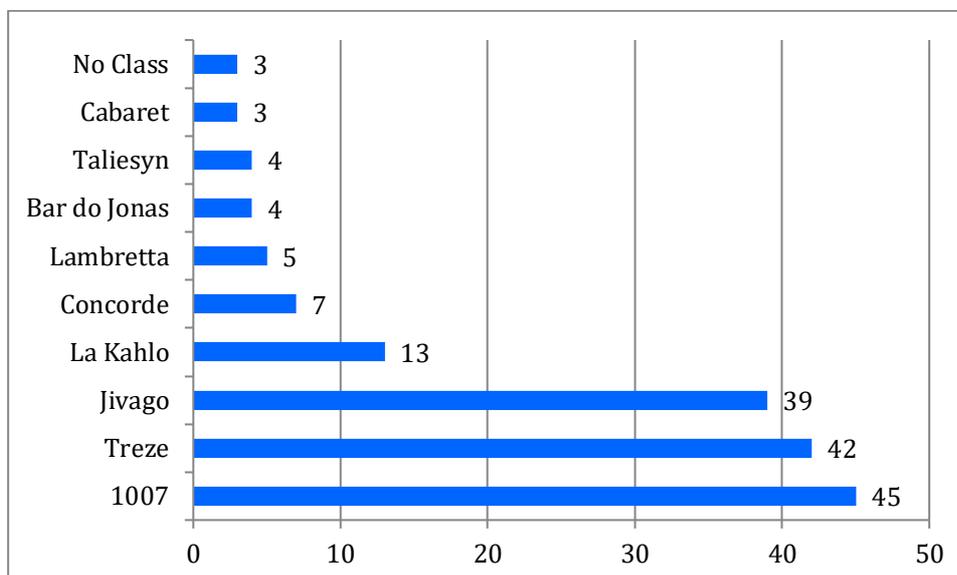
dentre os entrevistados, 66,3% moram em Florianópolis e 33,8% residem em outros municípios. Estes participaram da pesquisa pelo fato de conhecerem a cidade e já terem frequentado estabelecimentos de sociabilidade LGBT no bairro ou por residirem em cidades vizinhas que compõe a região da Grande Florianópolis.

A questão de número 4 (Se não mora em Florianópolis, mora em qual cidade?), vem de modo a complementar a anterior, e serviu apenas para identificarmos se os entrevistados que residem em outros municípios, residem em municípios que compõe a região da Grande Florianópolis. Sendo assim, os que vivem em outro município da Grande Florianópolis, estão incluídos no 66,3% que mora em Florianópolis.

Na questão 5 (Costuma frequentar, ou já frequentou, locais de sociabilidade LGBT no Centro de Florianópolis? Bares, baladas, centros culturais, festas...), foi possível identificar que entre os que responderam, 91,3% já frequentou ou ainda frequenta espaços de sociabilidade LGBT no centro de Florianópolis e 8,8% deixou de frequentar ou, nunca frequentou.

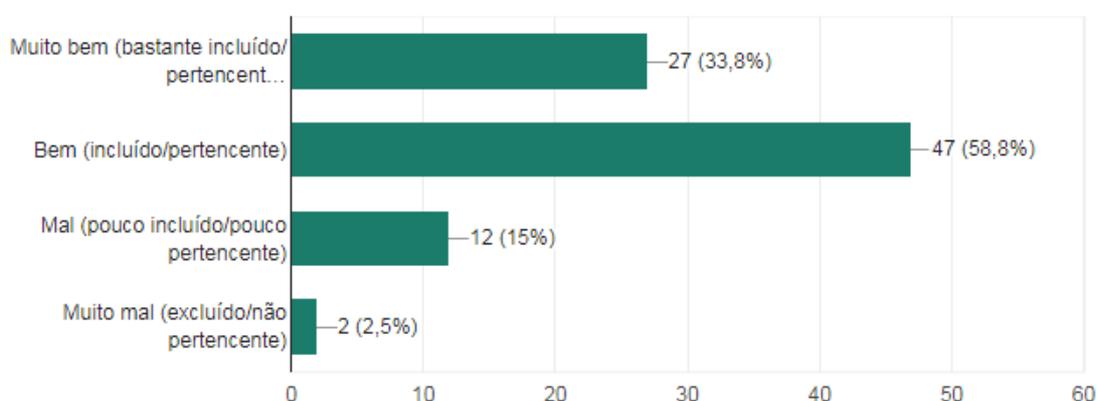
Os espaços apontados no questionário a partir das respostas da questão de número 6 (Qual o nome destes locais que você costuma/costumava frequentar? No centro da cidade), foram em sua maioria boates e bares, sendo eles: 1007, Treze, Jivago, La Kahlo, Concorde, Lambretta, Bar do Jonas, Taliesyn, Cabaret e No Class. Os mais frequentados foram os elencados para a pesquisa de campo deste trabalho. No gráfico a baixo podemos visualizar quais destes, são os estabelecimentos mais frequentados pelos entrevistados.

Gráfico 2 – Estabelecimentos frequentados pela comunidade LGBT



Na questão de número 7 (Como você se sente quando frequenta estes locais? Se sente incluído(a) ou pertencente?), a maior parte destes alega se sentir incluído e/ou pertencentes quando frequenta estes espaços, totalizando 92,6% das respostas, apesar de 17,5% indicar se sentirem excluídos e não pertencentes. O número de respostas nesta questão excede o número de entrevistados, pois era uma questão onde os entrevistados poderiam assinalar mais de uma resposta.

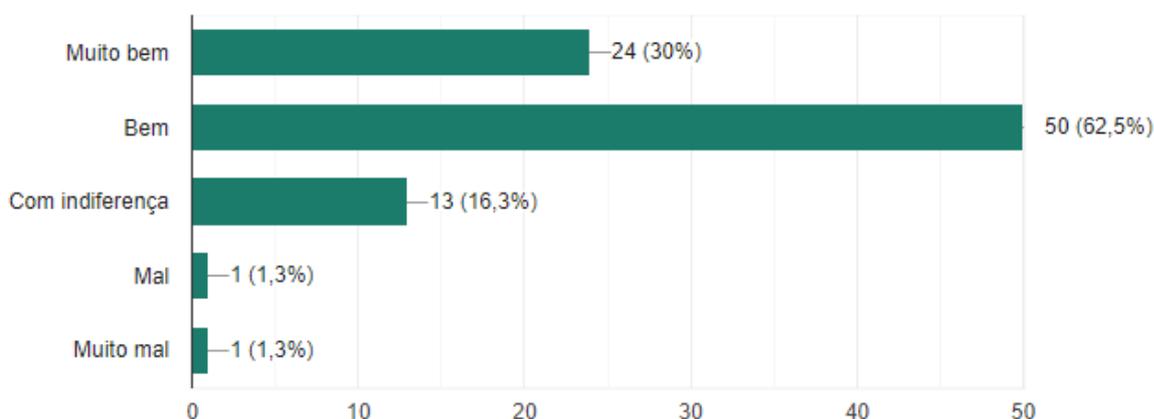
Gráfico 3 – Como os entrevistados se sentem ao frequentarem os estabelecimentos de sociabilidade LGBT



Na questão de número 8 (Por que você frequenta estes locais?), os entrevistados relatam frequentar estes estabelecimentos, pois são conhecidos como ponto de encontro da comunidade LGBT, além de serem espaços menos elitizados onde podem encontrar seus amigos, se divertirem da forma que são e se sentirem mais livres do que em espaços frequentados em sua maioria por pessoas cisgênero heterossexuais. Apesar de cada vez estarem menos seguros, ainda são os poucos estabelecimentos onde há certa proteção tanto por parte dos funcionários, como dos frequentadores.

Na questão de número 9 (Como você é tratado(a) pelos outros frequentadores destes locais?), 92,5% das respostas indicam que os entrevistados são bem ou muito bem tratados, enquanto 18,9% das respostas indicam que são mal/muito mal tratados ou com indiferença.

Gráfico 4 – Como os entrevistados são tratados pelos outros frequentadores destes locais



A presença de um número significativo de respostas que apontam certo desconforto destas pessoas ao frequentarem estes espaços, nos faz perguntar sobre o porquê de estas pessoas não se sentirem confortáveis em um espaço destinado a pessoas que teoricamente fazem parte da mesma comunidade.

A resposta para isso aparece na questão de número 10 (Percebe conflitos entre os diferentes grupos sociais que frequentam estes locais?), 68,8% dos entrevistados diz perceber conflitos entre os diferentes grupos sociais que frequentam estes espaços. O fato de um público composto por homens cisgêneros heterossexuais passar a se apropriar destes espaços faz com que ocorram casos de violência social (física e moral) e o que antes era um espaço de liberdade e diversão, passa a ser um espaço onde a comunidade LGBT corre riscos.

Na questão 11 (Já sofreu algum tipo de violência social (física/moral) nestes espaços? Relate.), 28 pessoas relatam já ter sofrido ou presenciado algum caso de violência social nestes espaços, ou seja, 35% dos entrevistados. 30% dos entrevistados demonstraram-se através de suas respostas, incomodados com os homens heterossexuais que agem de forma invasiva e agressiva nestes estabelecimentos, pois segundo eles, a segurança e o respeito nestes espaços vêm diminuindo fazendo com que a comunidade LGBT sinta-se cada vez menos livre e protegida. Destes 35%, 75% das respostas são de mulheres. Podemos ver o descontentamento de alguns entrevistados com este tipo de situação nas respostas destes quando perguntados se já sofreram algum tipo de violência social nestes estabelecimentos:

“Sofro em regra, pelos homens cisgêneros heterossexuais que frequentam esses lugares, com olhares pejorativos, tratamentos grosseiros, ignorância e arrogância, a partir do momento que se encontram bêbados, se permitem uma expressão maior de violência e agressividade, coligado com o fato social de estarem em grupos comumente, o que proporciona uma maior expressão desses fatores, e que acabam por se acharem dominadores daquele local, prejudicam quem tem tais locais como seu meio de lazer no centro de Florianópolis (pessoas LGBTI’s).”

“Já fui humilhado e ridicularizado no 1007 por um rapaz que gostaria de se dirigir a mim me chamando de viadinho, bixinha, baitola. Porém cresci ouvindo que sou viado e notei que seria mais fácil aceitar que sou bixa do que tentar mudar a cabeça das outras pessoas.”

“Já, por namorado infiel que me assediava e eu era o culpado e fui alvo de agressão. De héteros que querem dividir esse espaço, mas não respeitam as diferenças e empurram de propósito.”

“Assédio de homens não LGBT.”

“Já sofri violência física e verbal nos arredores desses lugares, o centro de Florianópolis é muito perigoso, já passei por muitas cenas de lesbofobia e lgbtfobia no geral. Passei momentos de muito perigo dentro dessa cidade que se diz "Floripa Gay Friendly", a mais pura mentir! NÓS NÃO VIVEMOS EM PAZ NESSA CIDADE, NOS SOMOS AMEAÇADAS TODOS OS DIAS POR SER LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRANSEXUAIS E TRAVESTIS!”

“É rotineiro as pessoas olharem para você com um certo tom de julgamento pela forma que você está vestido. Também já fui empurrado e homens heterossexuais inticaram.”

“Sim, em baladas, assédios de homens por estar com minha namorada.”

Em relação às respostas da questão de número 12 (Percebe alguma mudança nestes espaços ao longo dos diferentes períodos do dia? Se sim, que tipo de mudança?), a maior parte dos entrevistados diz não perceber mudanças nestes espaços ao longo do dia. Alguns relatam que os estabelecimentos de sociabilidade LGBT funcionam somente durante o período noturno, durante o dia o público mostra-se mais misto, o que faz com que a comunidade LGBT se camufle em meio as demais pessoas. Outro ponto, bastante importante trazido pelos entrevistados, diz respeito à diferença da quantidade de pessoas que frequentam esses ambientes durante o dia e durante a noite.

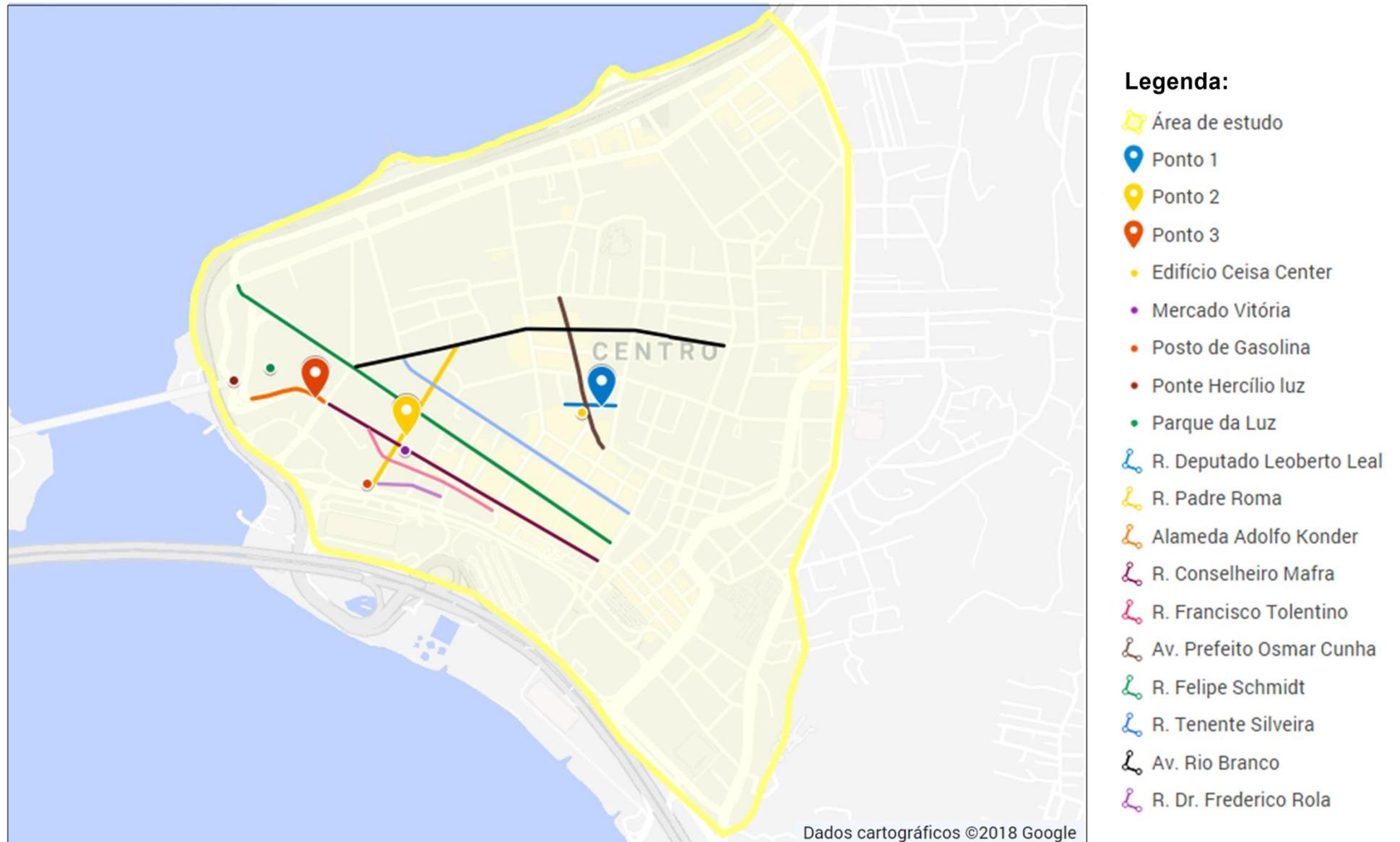
Durante o dia, o centro da cidade é um bairro onde o trânsito de pessoas e veículos é intenso, e as atividades mostram-se mais aparentes, diferente da noite, onde as ruas são tomadas pelo vazio, tornando-se um espaço perigoso, ocupado pelos moradores de rua, pela prostituição e pelos estabelecimentos de lazer LGBT.

Os resultados do questionário, podem nos mostrar que estes estabelecimentos criam uma rede de relações espacializadas, que Souza (2003) define como território. Além desta rede de relações percebe-se que a disputa territorial se mostra presente entre os frequentadores heterossexuais, que afirmam sua heteronormatividade através de suas ações repressivas, e a comunidade LGBT, que persiste em frequentar estes estabelecimentos, como instrumento de luta.

Figura 1 - Mapa dos estabelecimentos de lazer e sociabilidade LGBT no centro de Florianópolis



Figura 2 – Mapa dos pontos de observação e de referência



Fonte de dados: Google Maps.
Autor: Marcelo de Araújo.



3.3 DOS ESTABELECIMENTOS DE LAZER E SOCIABILIDADE

Este capítulo traz os dados da observação em campo dos espaços elegidos, descrevendo como estes se mostram durante o dia e como se mostram durante a noite, evidenciando a diferença entre os períodos através das atividades e funções aparentes.

Como dito no capítulo anterior, os espaços elegidos para a pesquisa empírica foram aqueles que apareceram com mais frequência na resposta dos entrevistados, sendo eles: Jivago, Treze e 1007, tratados aqui também como pontos 1, 2 e 3 respectivamente. A observação ocorreu nos dias: 6 e 21 de setembro e 4, 5, 6 e 12 de outubro. Nos dias 6 de setembro, 21 de setembro e 4 de outubro, foram feitas as observações durante o período diurno e nos dias 5, 6 e 12 de outubro, as observações noturnas. As observações diurnas ocorreram em horários diferentes do dia, pois não se notou grandes mudanças nesses ambientes entre a manhã e a tarde.

3.4 PERÍODO DIURNO

No dia 6 de setembro, no período entre as 10 e 12h da manhã ocorreu a observação do primeiro ponto de observação. A observação se deu em frente a um edifício comercial próximo ao estabelecimento Jivago Social Club, onde era possível a observação do entorno do estabelecimento. A observação foi registrada em fotografias e caderno de campo.

A balada Jivago Social Club localiza-se na Rua Deputado Leoberto Leal, rua transversal à Avenida Prefeito Osmar Cunha e próxima a Avenida Rio Branco, ponto de referência e de grande movimentação no centro da cidade. Esta é uma região bastante central do bairro onde o fluxo de pessoas e veículos durante o dia é bastante intenso, tendo em vista a alta concentração de escritórios, clínicas e estabelecimentos comerciais em um geral. Apesar da diversidade de estabelecimentos comerciais, destaca-se a grande quantidade de edifícios com escritórios.

Em uma breve busca na internet, foi possível descobrir que geralmente este estabelecimento funciona nas sextas e sábados (fim da semana) durante a noite, exceto em épocas especiais como carnaval, *halloween* e natal, que a casa realiza eventos em dias diferentes da semana e às vezes durante o dia. No carnaval, por

exemplo, o estabelecimento é conhecido pelo bloco “Jivagetchys” realizado com foco para a comunidade LGBT durante o dia do Bloco dos Sujos, conhecido em Florianópolis como o dia mais movimentado do carnaval de rua. O valor das festas semanais varia de R\$30,00 à R\$80,00, sendo este o valor com consumação. São festas em sua maior parte, de música pop internacional.

Bem próximo ao Jivago, na Avenida Prefeito Osmar Cunha, encontra-se o edifício comercial Ceisa Center, bastante conhecido na região por ser um prédio comercial com um número grande de escritórios e sua arquitetura se assemelhar ao edifício Copan (São Paulo – SP), projetado por Oscar Niemeyer. Ao lado da Jivago Social Club, há uma igreja luterana, que no dia da saída de campo não estava aberta, mas seus cultos ocorrem todos os domingos, segundo placa em frente à mesma. Durante as duas horas que passei analisando o ambiente ao entorno do estabelecimento o que mais me chamou a atenção foi de fato a grande intensidade de veículos e pessoas no local, algo que nunca havia parado para reparar mesmo já tendo frequentado a região.

As pessoas transitam de um lado para o outro, encaminhando-se para suas funções cotidianas, caminhando, entrando e saindo dos comércios. Realmente o ambiente reflete o ritmo típico do dia a dia de um centro urbano.

Além de se localizar no “coração” do centro da cidade e ser um espaço que reflete fielmente o cotidiano deste tipo de ambiente, um dos motivos da grande movimentação diária nessa localidade, provavelmente, deve-se ao fato de a Avenida Prefeito Osmar Cunha servir como rota para a Avenida Beira Mar, localidade nobre da cidade de Florianópolis e que compõe o centro do município. Observando além dos comércios e do trânsito de pessoas e automóveis na região, percebe-se que esta é uma parte do centro da cidade onde os edifícios comerciais confundem-se com os edifícios residenciais.

Por meio da busca na internet em sites de aluguel e venda de imóveis, foi possível também perceber que esta, por ser uma região que faz parte de uma área mais movimentada do Centro, é uma localidade onde os custos de moradia são bastante altos, com o valor de aluguel (com condomínio incluso) variando entre R\$1500,00 e R\$6000,00. Apesar de ser uma área onde as residências são de valor elevado, o público que circula por essa localidade mostra-se bastante misto, tendo em vista que este público não é necessariamente, somente a provável classe média/alta que habita a região, mas sim a população de Florianópolis como um todo, já que

grande parte dos serviços estão concentrados no centro da cidade.

Claramente, durante a observação do ambiente, foi possível perceber que durante o dia, a função desta localidade está diretamente ligada ao cotidiano dos trabalhadores da cidade de Florianópolis. Durante as duas horas de observação no dia 06 de setembro, foi possível perceber o tráfego intenso de pessoas e veículos, e a movimentação do comércio, não havendo uma mudança drástica de funções ou atividades neste período.

No dia 21 de setembro, durante o período das 15 às 17h, deu-se a observação do segundo ponto, o entorno da boate Treze. Este estabelecimento encontra-se situado na Rua Padre Roma, rua esta, bastante conhecida, pois possui cruzamento com outras quatro ruas importantes do Centro da cidade, sendo elas: Tenente Silveira, Felipe Schmidt, Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino. Além destas, possui cruzamento também com a Rua Frederico Rola e serve como acesso para a Avenida Rio Branco, já citada aqui na análise do primeiro estabelecimento. As ruas Francisco Tolentino e Frederico Rola, são as primeiras ruas a fazer cruzamento com a Rua Padre Roma e são conhecidas como território de prostituição de travestis, território este trabalhado por Knabben (2015), já citado no presente trabalho.

Através de um reconhecimento também pela internet, foi possível identificar que este é um estabelecimento que funciona geralmente nas sextas-feiras e sábados assim como a Jivago, exceto em épocas especiais como fim e começo de ano, que possuem festas em outros dias da semana. O valor das festas está entre R\$20,00 e R\$30,00, mais acessível que o primeiro estabelecimento, e geralmente são de música pop internacional e funk.

Durante o horário da observação foi possível perceber que este ambiente é um ambiente de comércios menores, como lanchonetes, um restaurante simples, uma loja de eletrônicos e uma mecânica, mostrando-se diferente do ponto 1. Enquanto próximo à Jivago vemos uma grande movimentação de pedestres pela presença de centros comerciais e edifícios empresariais, nas proximidades da boate Treze percebe-se uma movimentação muito maior de carros e uma movimentação menor de pedestres, que frequentam estes pequenos comércios. Aparentemente, durante o dia, a movimentação de veículos na Rua Padre Roma é intensa por esta ser uma das primeiras ruas de acesso ao centro da cidade para quem sai da ponte que liga a parte continental da cidade com a ilha (Ponte Pedro Ivo Campos) em direção à Avenida Paulo Fontes. Há também na região o terminal rodoviário da cidade, de nome

Rita Maria e um posto de gasolina, logo no início da rua com bastante movimentação de veículos também. Em relação à edifícios residenciais, foi possível perceber a presença na região, e a faixa de aluguéis segue a tendência das residências próximas ao ponto 1, porém são em sua maioria edifícios mais antigos.

Partindo para o terceiro e último espaço, no dia 4 de outubro (quinta-feira), entre às 10h e 12h, ocorreu à observação do ambiente onde se encontra a balada 1007. A 1007 localiza-se na Alameda Adolfo Konder, próxima à Rua Padre Roma e é conhecida por abrigar também a entrada da Ponte Hercílio Luz, patrimônio histórico material, tombado pelo IPHAN que se encontra interditado desde o ano de 1991. Além da entrada da Ponte Hercílio Luz a alameda abriga também o Parque da Luz, conhecido por ser o antigo cemitério da cidade e também por seu abandono em relação a atividades comunitárias e culturais.

Pesquisando as páginas do estabelecimento na internet, foi possível descobrir que as festas ocorrem não somente nas sextas-feiras e sábados à noite como nos demais estabelecimentos, mas também todas as quintas-feiras (ainda no período da noite). Em épocas especiais como feriados e períodos de férias o estabelecimento também funciona em dias diferentes. O valor das festas varia entre R\$25,00 e R\$100,00, sendo o valor mais caro, o valor da entrada, mais a consumação dentro da festa.

Diferente dos outros ambientes, este não é tão movimentado durante o dia, o trânsito de carros é maior que o de pessoas, mas ainda assim, no momento da observação, não se destaca. Não há comércios, mas em frente à balada há um edifício executivo, de um lado encontra-se um estabelecimento de venda e entrega de lanches (que durante o dia estava fechado) e do outro uma edificação da rádio Regional FM.

Na observação deste ambiente destacam-se então, os empreendimentos de alto padrão que estão sendo construídos, e os que já existem próximo e também em frente ao estabelecimento. Em busca na internet, não foi possível encontrar o valor de aluguel nesta área, mas o valor de compra de apartamentos na região varia de R\$1.400.000,00 à R\$2.600.000,00.

Sendo assim é um local onde não há atividades comerciais aparentes, nem uma movimentação intensa comparada ao restante do bairro, porém caracteriza-se por ser um local de passagem para aqueles que transitam pelo centro da cidade durante o dia.

3.5 PERÍODO NOTURNO

Durante a noite do dia 5 de outubro iniciou-se a observação noturna dos pontos elencados, a observação neste dia se deu no ponto 1. Mantendo a linha da pesquisa empírica realizada no período diurno, a observação dos estabelecimentos aconteceu pelo período de duas horas.

Caminhando no centro da cidade em direção ao ponto já é possível verificar as mudanças da região em relação ao período noturno. As ruas que durante o dia são tomadas pelo movimento de veículos e pedestres que transitam entre os comércios e andam atrasados para realizar suas funções em seus respectivos locais de trabalho, de noite, são tomadas pelo silêncio, pelos animais urbanos, pelas pessoas em situação de rua e usuários de crack.

Por volta das 22h da noite, ainda não é possível ver a movimentação do público frequentador, exceto o som abafado da música que se pode ouvir da rua. Os arredores do edifício comercial Ceisa Center que durante o dia mostra-se um espaço de grande movimentação de pessoas, durante a noite serve de casa para pessoas em situação de rua e usuários de crack.

Assim como o Ceisa Center, todos os demais comércios que podem ser vistos abertos durante o dia, durante a noite encontram-se fechados. Não há padarias, restaurantes, bares, supermercados, se for necessário acesso a este tipo de estabelecimento é necessário se deslocar para outra parte do bairro, ou para outro bairro, preferencialmente de carro, já que aparentemente é uma região perigosa para se deslocar caminhando, diferente do período diurno.

A partir das 23h é possível analisar o início de uma movimentação dos frequentadores da Jivago, um público bastante diferente do que é visto de dia, um público jovem, e majoritariamente homossexual/bissexual se analisarmos os casais. Além de ser um público homossexual, pode-se notar também a presença de *drag queens*. Este público é em sua maior parte composto por homens cisgênero homossexuais e ocupa a entrada do edifício Ceisa Center, para socializar entre si e beber antes de entrar na festa.

Os frequentadores do estabelecimento vão chegando quando vai se passando a hora e é possível notar que todos eles trazem suas bebidas para consumir em frente ao Ceisa Center, tendo em vista que não há comércio aberto nas redondezas. Após o início da festa, a entrada do Ceisa Center vai se esvaziando e a entrada do

estabelecimento vai sendo preenchida pela fila de frequentadores.

Nota-se então que comparado ao período diurno este ambiente não é mais um espaço de comércio e trânsito de pessoas indo para seus locais de trabalho, mas sim um ambiente de lazer e sociabilidade em meio ao vazio noturno do centro urbano de Florianópolis.

Dando continuidade a pesquisa, às 22h da noite do dia 6 de outubro deu-se então a observação do ponto 2, o entorno da boate Treze. Assim como nas proximidades do ponto 1, a Rua Padre Roma, que abriga a Treze, durante o período noturno é tomada pelo vazio e pelos moradores de ruas, mas diferente do ponto 1, esta é uma área do centro que ainda se mostra um pouco mais movimentada.

O trânsito de carros na Rua Padre Roma ainda continua apesar de menor se comparado com o período diurno, e os pequenos comércios também são encontrados de portas fechadas. Em frente a uma loja é possível encontrar um carrinho de lanches, que possivelmente fica instalado ali pela movimentação que a balada traz. Na esquina com a Rua Francisco Tolentino é possível notar que esta, como dita por Knabben (2015), é tomada pela territorialidade da prostituição de travestis neste período do dia.

A partir das 23h, como no ponto 1, os frequentadores da boate começam a chegar e percebe-se uma movimentação destes tanto em direção à um mercado chamado Mercado Vitória, quanto ao posto de gasolina localizado no início da rua para comprar suas bebidas. Esse é um diferencial em comparação com o primeiro ponto, os frequentadores não precisam se deslocar muito para comprar bebidas, cigarros, ou até mesmo usar o banheiro.

O Mercado Vitória é um estabelecimento localizado quase na esquina da Rua Conselheiro Mafra com a Rua Padre Roma e que durante a observação diurna passou despercebido, mas durante a noite é impossível não reparar na sua relevância para este ambiente. Primeiro, por ser um dos poucos comércios abertos na localidade, e segundo, por ser um local que o público LGBT interage pela proximidade com a boate Treze.

O público também é jovem e predominantemente homossexual/bissexual, porém diferente do Jivago, é possível notar a presença de um público mais misto, com a presença de mais mulheres e também pessoas heterossexuais, a diversidade pode ser percebida inclusive levando em conta os funcionários que trabalham do lado de fora da festa. A diferenciação de um grupo de pessoas heterossexuais para um grupo de pessoas homossexuais é perceptível pelo fato de se agruparem em rodas de

amigos diferentes. Assim como no ponto 1, ao passar a hora, as rodas de conversa vão se dissolvendo e formando a fila para entrada da festa.

No entorno da boate 1007, ponto 3, a observação ocorreu no dia 12 de outubro, última data de observação. Mantendo a linha dos demais espaços, esta ocorreu no mesmo horário, entre às 22h e às 00h. Diferente dos outros dois estabelecimentos, este, por volta das 22h30 já possuía um número significativo de frequentadores.

Durante a observação diurna, a função aparente deste ambiente era a sua utilização voltada à rota dos que exercem suas atividades relacionadas ao trabalho no centro da cidade, assim como as outras localidades, porém com menos movimentação e ausência de comércios, predominando os edifícios residenciais.

Durante a noite este ambiente continua servindo apenas como passagem, principalmente por se apresentar um ambiente perigoso pela falta de movimentação que ocorre no bairro como um todo. A rua é tomada pelos carrinhos de lanches, que aguardam os frequentadores saírem da festa para consumirem seus produtos.

Assim como na região do ponto 1, não há mercados abertos, então os frequentadores chegam ao local já com suas bebidas, provavelmente compradas no posto da Rua Padre Roma, ou também no Mercado Vitória, já que a 1007 encontra-se próximo à Treze. Este ponto mostra-se mais movimentado que os demais, provavelmente pelo fato de a 1007 ser mais conhecida entre a população de Florianópolis e provavelmente também entre os turistas, já que esta possui casas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O público também é a comunidade LGBT, porém como algumas respostas do questionário já haviam informado, claramente o público deste estabelecimento está se tornando cada vez mais heterossexual, pode-se notar a mudança através da presença de casais heterossexuais e algumas rodas segregadas de pessoas LGBT em um geral. Diferente dos demais estabelecimentos, neste, com o passar da hora, ao invés de acontecer um esvaziamento da rua para o interior da festa, a movimentação permaneceu intensa, provavelmente pelo fato de a entrada neste estabelecimento ser mais demorada e atingir um público além da comunidade LGBT, aumentando o número de clientes.

Após a observação dos pontos definidos, foi possível perceber a diferença destes em relação ao território trabalhado em “Travesti não é bagunça: Práticas Territoriais de Travestis no Centro de Florianópolis” (KNABBEN, 2015) e os espaços de “Sentidos de lugar: Análise das Percepções Espaciais da Comunidade LGBT no

Centro de Florianópolis-SC” (SILVA, 2017).

Knabben (2015) nos traz um estudo sobre o território de prostituição das travestis, delimitado pelas ruas, Padre Roma, Francisco Tolentino, Bento Gonçalves e Frederico Rola, considerando ainda que a “territorialidade é construída apenas nos períodos noturnos, quando as travestis passam a frequentar aquelas ruas com objetivo de atrair clientes, conferindo àquele espaço outra função” (KNABBEN, 2015, p.34). Desta forma, apesar do território de prostituição das travestis ser delimitado por um espaço em comum com o ponto de observação de número 2 (Treze Bar), sua área de abrangência é diferente e a territorialidade acontece em frente à outros estabelecimentos, além de não se configurar como um espaço de lazer.

Já a pesquisa de Silva (2017), em contraponto a esta, trata dos espaços frequentados pela comunidade LGBT no centro de Florianópolis como lugares, análise feita a partir das percepções espaciais da comunidade, relacionando seus sentidos e percepções aos espaços que fazem parte do seu cotidiano. Sendo assim Silva (2017) nos traz um ponto de vista sobre os estabelecimentos aqui estudados, mas como lugares e não territórios.

Além de trabalhar com estes estabelecimentos a autora traz outros espaços, que não necessariamente são usufruídos em sua maioria pela comunidade LGBT, mas que também fazem parte do seu dia a dia, como por exemplo, o terminal de ônibus da região, e outros espaços públicos, como a Praça XV de Novembro e o Mercado Público da cidade.

Figura 3 – Fachada da Jivago Social Club (ponto 1) no período noturno



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 25/11/2018

Figura 4 – Fachada da Jivago Social Club (ponto 1) no período diurno



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 06/09/2018

Figura 5 – Edifício Comercial Ceisa Center



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 06/09/2018

Figura 6 – Entrada do edifício Ceisa Center na Av. Prefeito Osmar Cunha (período diurno)



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 06/09/2018

Figura 7 – Entrada do edifício Ceisa Center no período noturno



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 25/11/2018

Figura 8 - Cruzamento da R. Leoberto Leal com a Av. Prefeito Osmar Cunha durante o dia



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 06/10/2018

Figura 9 – Cruzamento da R. Leoberto Leal com a Av. Prefeito Osmar Cunha durante a noite



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 25/11/2018

Figura 10 – R. Padre Roma e fachada da boate Treze (ponto 2) à esquerda da foto, durante o período diurno



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 21/09/2018.

Figura 11 – R. Padre Roma durante a noite, à esquerda fachada da boate Treze (ponto 2)



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 06/10/2018.

Figura 12 - Movimento dos carros no cruzamento da Rua Padre Roma com a Rua Francisco Tolentino durante o dia



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 21/09/2018.

Figura 13 – Cruzamento da R. Padre Roma com a R. Francisco Tolentino durante a noite



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 06/10/2018.

Figura 14 - Pequenos comércios próximo à boate Treze (período diurno)



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 21/09/2018.

Figura 15 – Frente do Mercado Vitória durante a noite, após a abertura da boate Treze



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 06/10/2018.

Figura 16 – Fachada da boate 1007 (ponto 3) durante o dia



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 04/10/2018.

Figura 17 – Fachada da boate 1007 (ponto 3) no período noturno



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 12/10/2018

Figura 18 – Movimento de veículos na Alameda Adolfo Konder durante o dia



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 04/10/2018.

Figura 19 – Alameda Adolfo Konder durante a noite



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 12/10/2018

Figura 20 – Edifícios de alto padrão em frente ao ponto 3



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 04/10/2018

Figura 21 – Grupos de frequentadores em frente ao ponto 3 (período noturno)



Fonte: Marcelo de Araújo. Data: 12/10/2018

5. DA OBSERVAÇÃO À TEORIA

Após a observação dos estabelecimentos de sociabilidade LGBT, e do entorno dos mesmos, ficou evidente que ao longo do dia estes espaços não possuem a mesma função nos períodos diurno e noturno. A partir do resultado dos questionários e das observações em campo, baseados nos trabalhos de Souza (2003), confirmamos a hipótese acerca desta diferenciação, pois, os centros urbanos, geralmente são espaços de concentração de serviços durante o dia e durante a noite tornam-se “áreas de obsolescência” (SOUZA, 2003, p.88).

Os resultados do questionário, podem nos mostrar que estes estabelecimentos criam uma rede de relações, que Souza (2003) define como território. Além desta rede de relações percebe-se que a disputa territorial se mostra presente entre os frequentadores heterossexuais, que afirmam sua heteronormatividade através de suas ações repressivas, e a comunidade LGBT, que persiste em frequentar estes estabelecimentos, como instrumento de luta.

Com o resultado da coleta de dados por meio dos questionários, como também por meio da observação, foi possível perceber que o entendimento das questões de gênero, de sexo e de sexualidade são determinantes quando se fala de sociabilidade LGBT, já que estas mostram-se como o fator principal da segregação da comunidade LGBT nestes espaços. Não é à toa que a comunidade LGBT frequenta espaços específicos. Como os próprios questionários apontam, as pessoas que fazem parte da comunidade LGBT frequentam estes espaços por serem locais onde podem se sentir minimamente seguras, por estarem mais próximas de seus semelhantes, principalmente as mulheres que sofrem com o constante assédio dos homens no seu dia a dia. Estas pessoas sentem-se menos seguras por conta da sua identidade gênero, do seu sexo biológico e da sua sexualidade, que na maior parte das vezes não condizem com o considerado “correto” pela sociedade heteronormativa.

A segregação da comunidade LGBT, então, é o fator determinante para a frequência deste grupo em estabelecimentos específicos. Como considera Barreto:

No caso do indivíduo homossexual existe geralmente uma identificação com o feminino, embora não seja possível afirmar que a homossexualidade masculina esteja ligada a feminilidade ou ao gênero feminino. No entanto, a sociedade muitas vezes se baseia em um estereótipo do indivíduo homossexual, feminino, representando assim uma quebra no padrão dominante de masculinidade (no caso do homossexual masculino), e a discriminação irá ocorrer com base nessa negação do masculino e conseqüente adoção de símbolos, traços e atitudes que remetem ao

feminino, o que fará com que todo simbolismo criado em torno do feminino como sexo frágil, instável e dependente, seja incorporado ao homossexual, determinando sua inferioridade diante do padrão masculino heteronormativo. (2010, p.2)

Tal constatação serve para a comunidade LGBT como um todo, tendo em vista que a segregação ocorre pela concepção da sociedade heteronormativa, não somente de que os homossexuais se aproximam do feminino e incorporam trejeitos, mas também as travestis e mulheres trans, além de que a comunidade LGBT também é composta por mulheres cis, que não são ouvidas ou respeitadas simplesmente por serem mulheres, e homens trans, pessoas que nasceram com a genitália feminina. Essa segregação é responsável pela existência de espaços de sociabilidade LGBT, já que esta ocorre por conta da não incorporação do padrão heteronormativo. Essa constatação pode ser comprovada pelo fato de 75% das pessoas que dizem já ter sofrido ou presenciado algum tipo de violência social nestes espaços serem mulheres e os outros 25% homens homossexuais e todas elas partirem de homens heterossexuais.

O motivo da segregação é comprovado através das respostas das questões 8 e 9, onde os entrevistados nos mostram que em maioria sentem-se incluídos/pertencentes nestes estabelecimentos e também, podem ser mais livres e divertirem-se com seus amigos da forma que são, sentindo-se mais seguros por estarem próximos de seus semelhantes (apesar de não totalmente seguros). Grande parte das respostas que comprovam a segregação foi de mulheres

Pinho (2010) nos traz a visão de que esta mesma teoria se aplica em relação à segregação das pessoas homossexuais (consideradas os outros) perante a sociedade e, aqui nesta pesquisa, foi possível identificar que esta mesma relação se dá também com a comunidade LGBT como um todo, partindo da análise dos estabelecimentos de sociabilidade LGBT no centro de Florianópolis. Essa análise torna-se evidente com as respostas da questão 11, onde vemos que a sexualidade não é a única variável em relação aos casos de violência, mas também o gênero e o sexo biológico.

A utilização das noções de *insider* e *outsiders* nos parece apropriada aos estudos sobre territórios de sociabilidade LGBT, tendo em vista que vivemos em uma sociedade hegemonicamente heteronormativa. Partimos do pressuposto que existem padrões sociais conservadores impostos de forma bastante visível e que contrastam com a ocupação de outros grupos, por vezes, marginalizados e considerados como

“minorias”. Pode-se levar em consideração então, que a comunidade LGBT produz territorialidades, que segundo Souza (2003), são as relações de poder espacialmente delimitadas, sendo o espaço físico o local onde estas relações ocorrem.

Na resposta dos entrevistados e nos dados coletados da observação em campo, foi possível analisar também que os três estabelecimentos observados não são frequentados somente pela comunidade LGBT. No ponto 1, percebemos a predominância do público LGBT, já no ponto 2, a presença de pessoas heterossexuais já era percebida e, por fim, no ponto 3, os públicos se confundiam, provavelmente, por esta casa noturna ser mais conhecida do público em geral.

A partir dos conceitos de Souza, já vimos aqui que o território é definido pela disputa de poder e pode ainda: “antes instáveis que estáveis [...] ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos” (SOUZA, 2003, p.87).

Levando em conta esta conceituação de território utilizada por Souza (2003), podemos denominar os estabelecimentos de sociabilidade LGBT como território, tendo em vista que percebemos a presença de um conflito, ou seja, uma disputa de poder entre a comunidade LGBT e as pessoas heterossexuais que estão se apropriando destes espaços, principalmente homens cisgênero. Além da disputa de poder é possível perceber também uma instabilidade e periodicidade de sua existência se compararmos os períodos ao longo do dia.

A relação que a comunidade LGBT possui com este território configura uma territorialidade de durabilidade periódica que, neste caso, está amarrada ao espaço físico, encaixando-se então na concepção de que “o ator territorializa o espaço” (RAFFESTIN, 2003). Notamos esta durabilidade periódica ao observarmos que, durante o período diurno, as atividades nestes ambientes estão predominantemente ligadas às atividades comuns de comércio como lojas, restaurantes, padarias, lanchonetes e mercados. Mas, também, a concentração de serviços como, clínicas médicas, empresas e escritórios das mais diversas áreas de atuação, além do trânsito de veículos. O público mostra-se misto, pois a sociedade como um todo consome estes serviços, não sendo possível identificar se são pessoas que frequentam os estabelecimentos elegidos, ou não.

Durante o dia os estabelecimentos encontram-se fechados e seus frequentadores buscam por outros serviços, realizam outras atividades e possuem outra relação com o espaço. Pode-se considerar então, que os três estabelecimentos investigados encontram-se em funcionamento somente no período noturno, como foi

possível perceber na observação e também nas redes sociais das boates.

Estes estabelecimentos são espaços não apenas de sociabilidade, mas também de lazer, ou seja, não quer dizer que a comunidade LGBT socialize somente nestes espaços, mas são neles que as pessoas LGBT além de interagir com seus amigos, divertem-se aos finais de semana. Como vimos nas respostas da questão 8, estes são espaços de diversão onde a comunidade sente-se mais segura.

A territorialidade da comunidade LGBT diferencia-se, por exemplo, de outros territórios presentes no centro da cidade como o território de prostituição das travestis, trabalhado por Knabben (2015), que é um território onde as travestis garantem sua renda e sua mínima sobrevivência, não seu lazer.

Apesar de a pesquisa empírica deste trabalho de conclusão de curso trabalhar apenas com os estabelecimentos que mais apareceram nas respostas dos entrevistados, nota-se que os estabelecimentos considerados de sociabilidade LGBT, pela própria comunidade LGBT entrevistadas são diversas. Muitos deles se repetem nas respostas, ou seja, a comunidade LGBT não frequenta apenas um destes estabelecimentos, mas diversos outros estabelecimentos. É nessa região, no centro urbano de Florianópolis, que está localizada a concentração dos espaços de sociabilidade e lazer LGBT indicados nos questionários.

Segundo a concepção de Souza (2003), podemos concluir que estes são territórios cíclicos, caracterizados como territórios onde se percebe uma “alternância habitual dos usos diurno e noturno dos mesmos espaços” (p.88, 2003). Porém, apesar de quando analisados separadamente se encaixarem como territórios cíclicos, quando analisados como um todo, se conformam como um único território cíclico e descontínuo, uma vez que as respostas dos questionários nos mostram que a territorialidade da comunidade LGBT no centro de Florianópolis não se dá somente em um espaço, mas em vários bares e boates.

Nesse sentido, Souza (2003) define como território descontínuo, “uma rede a articular dois ou mais territórios contínuos” (2003, p.94), o que se configura no território LGBT do centro de Florianópolis, já que, apesar de a comunidade LGBT exercer uma territorialidade periódica que acontece somente no período noturno, o território se configura como contínuo. A continuidade do território de lazer e sociabilidade é comprovada a partir da observação, onde vimos que os estabelecimentos funcionam com certa periodicidade, já que a pesquisa de campo ocorreu em dias diferentes, e também na resposta dos entrevistados na questão de número 5, onde 91,3% alega

frequentar ou já ter frequentado estes estabelecimentos, sinalizando uma continuidade do funcionamento destes.

As imagens capturadas durante a pesquisa de campo nos mostram não somente a diferença de funções e de frequentadores nestes espaços ao longo dos períodos do dia (algo que é comum nos centros urbanos), mas nos trazem evidências da exclusão da comunidade LGBT, complementando o resultado dos questionários. Nas imagens capturadas no período noturno podemos observar que estes espaços só ganham vida pela presença da comunidade LGBT, que de certa forma busca estes “outros” espaços para socializar entre si, onde o risco de sofrerem agressões ou violências sociais como um todo é menor, apesar de ainda presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar como se dá a territorialização da comunidade LGBT no centro de Florianópolis - SC, além de elucidar quais são os espaços que delimitam este território e como este se manifesta nos diferentes momentos do dia, dialogando com conceitos e categorias como, gênero, sexo, sexualidade, território e “*insiders* e *outsiders*” (ELIAS & SCOTSON, 2000) aliados à segregação da comunidade LGBT e as novas teorizações sobre a sigla.

A categoria comunidade LGBT é utilizada como ponto inicial e norteador para a discussão tendo em vista que esta comunidade foi o público alvo para o desenvolvimento da pesquisa. Os conceitos de gênero, sexo e sexualidade foram explorados como uma contextualização das discussões que permeiam suas definições, já que defendemos que estes são os fatores determinantes para as relações que ocorrem nos estabelecimentos que foram elencados para a pesquisa empírica. Sendo assim, buscou-se de certa forma trazer uma conceituação básica sobre os conceitos de gênero, sexo e sexualidade para então poder discutir a questão do território LGBT no centro de Florianópolis.

O conceito de território foi trabalhado com um breve histórico de sua definição, chegando às conceituações de Claude Raffestin (1993) e de Marcelo Lopes de Souza (2003) as quais serviram como base para a pesquisa empírica deste trabalho. Já os conceitos de *insiders* e *outsiders* trabalhados por Norbert Elias e John L. Scotson (2000) e utilizados por Fernando Augusto de Souza Pinho (2010), nos auxiliaram a entender a segregação espacial da comunidade LGBT, assim como os estudos de Rafael Chaves Vasconcelos Barreto (2010).

Pouco se fala na Geografia sobre as questões que permeiam as discussões de gênero, sexo e sexualidade quando comparada a outras temáticas que estão presentes há mais tempo na ciência geográfica. Ornat (2008) nos mostrou, através de um estudo no portal de Dissertações e Teses da CAPES e na Biblioteca Digital de Dissertações e Teses, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que até o ano de 2008 os trabalhos de Geografia que englobam às temáticas de gênero e sexualidade ainda eram poucos, totalizando trinta e três trabalhos. Atualmente, se pesquisarmos no portal de periódicos da CAPES pode-se ver que este número vem crescendo, porém, estes trabalhos ainda são pouco valorizados e a sua visibilidade é inferior se comparada aos trabalhos das áreas já

consolidadas da Geografia.

A conceituação que elucidamos nos primeiros capítulos foi de suma importância para a realização deste trabalho de conclusão de curso, já que estes são confundidos e tratados pela sociedade heteronormativa como iguais. Tendo em vista as complexas teorizações atuais que muitas vezes acabam não contribuindo, nem trazendo soluções, para as problemáticas relacionadas a esta temática. Buscou-se, portanto, valorizar as teorizações de base, utilizando autores como Simone de Beauvoir (1949).

Tendo em vista que o foco do trabalho voltou-se para a identificação e mapeamento de um território de lazer e sociabilidade LGBT no centro de Florianópolis, utilizou-se da identificação dos principais estabelecimentos frequentados pela comunidade no centro urbano da cidade através da aplicação de questionários, bem como a observação destes ambientes em diferentes momentos do dia.

Pôde-se concluir através da pesquisa empírica, que a comunidade LGBT frequenta estabelecimentos específicos, pois a relação entre esta e a sociedade, que persiste em pregar os padrões heteronormativos, é uma relação de exclusão onde a comunidade LGBT é vista como “os outros”, gerando a segregação desta em espaços exclusivos como nos espaços de lazer e sociabilidade no centro de Florianópolis aqui estudados, como mostra a resposta dos entrevistados quando perguntados o porquê de frequentarem estes estabelecimentos.

Considerando a presente pesquisa, é possível assumir a premissa de que as relações territoriais da comunidade LGBT no centro de Florianópolis podem vir a ocorrer da mesma forma que a convivência homoafetiva trabalhada por Barreto (2010), tendo em vista que os dois podem vir a se consolidar da mesma maneira, porém levando em consideração também as questões de gênero e não apenas de sexualidade, já que a sigla LGBT nos cobra este tipo de aprofundamento.

Apoiados nas reflexões de Souza (2003) acerca dos territórios descontínuos e cíclicos é possível considerar que os espaços frequentados pela comunidade LGBT podem ser exemplos desta categorização, uma vez que a territorialidade da comunidade LGBT se dá através de uma rede de territórios contínuos que possuem mudanças de funções ao longo de um único dia.

A disputa de poder torna-se clara quando descobrimos que estes estabelecimentos acabam não sendo de uso exclusivo da comunidade LGBT, que de certa forma refugia-se nestes espaços. A descontinuidade do território analisado é

comprovada pelas respostas dos entrevistados no questionário quando nos mostram que existem diversos estabelecimentos de lazer e sociabilidade LGBT no centro da cidade de Florianópolis. Sendo assim, a territorialização da comunidade LGBT não se restringe à apenas um estabelecimento, mas sim a uma rede de estabelecimentos que se configuram como territórios contínuos. Já a sua ciclicidade é notada na observação em campo, onde se torna evidente a mudança das funções do entorno dos pontos de observação ao longo de um único dia.

Sendo assim, esta pesquisa veio de modo a valorizar os estudos territoriais relacionados às questões de gênero, sexo e sexualidade, tanto na Geografia Urbana como também na Geografia Cultural, buscando contribuir à expansão da temática, em contracorrente à invisibilização desta área de pesquisa. Os espaços de sociabilidade LGBT são espaços dotados de significados, de relações sociais e valores culturais, que não podem ser desviados do olhar geográfico. Estas questões vêm sendo cada vez mais desvalorizadas tendo em vista não só o padrão heteronormativo instaurado na sociedade, mas também o momento político atual.

O território aqui estudado é um espaço de muita importância para a comunidade LGBT, pois é além de um espaço de lazer, é um espaço de luta, um espaço que vem sofrendo ameaças. Vivemos no Brasil em tempos de retrocesso, onde nosso novo presidente faz reverências ao regime militar, onde entidades públicas vêm sendo extintas (ou fundidas), onde o sucateamento da educação torna-se cada vez mais evidente, onde os direitos das mulheres e de pessoas LGBT vem sendo cada vez mais diminuídos. Desta forma, a discussão deste trabalho faz-se de extrema importância como forma de luta e resistência, a comunidade LGBT precisa mais do que nunca de voz, e não de que falem por ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PINHO, F. **Territórios da(s) Cultura(s) Gay(s):** Rupturas ou Permanências. UFRJ. IPPUR. Rio de Janeiro. p.1 – 15. 2010.
- BARRETO, R. C. **Nas Fronteiras do arco Iris:** Territórios de Sociabilidade Gay no Rio de Janeiro – RJ. Porto Alegre. p.1 - 11 Jul. de 2010.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **O Território:** Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 77-115, 2003.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** 1ª edição. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Magda G. dos. Simone de Beauvoir. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. **Sapere Aude.** Belo Horizonte, v.1 – n.2, 2 sem. – 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço:** uma nova política de espacialidade. 2ª ed. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 44, p.203-220, ago/dez, 2014.
- KNABBEN, Raphael Meira. **Travesti não é bagunça:** Práticas territoriais de travestis no Centro de Florianópolis. 2015. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Criação & Crítica**, São Paulo, v. 20, p.40-55, 20 abr. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i20p40-55>>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- SILVA, Carolina Mengelberg Teotonio da. **Sentidos de Lugar: Análise das percepções espaciais da comunidade LGBT no Centro de Florianópolis - SC.** 2017. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- ORNAT, Márcio José. Sobre o espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.309-322, jul/dez, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/issue/view/117/showToc>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

APÊNDICES

Pesquisa - Uma análise sobre os territórios de sociabilidade LGBT no Centro de Florianópolis - SC

Pesquisa realizada para Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Geografia (Licenciatura) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED).

Esta pesquisa é totalmente ANÔNIMA.

*Obrigatório

1. Você faz parte da comunidade LGBT? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Após a última pergunta desta seção, interromper o preenchimento deste formulário.

2. Qual o seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

Homem

Mulher

3. Você mora em Florianópolis? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

4. Se não mora em Florianópolis, mora em que cidade?

5. Costuma frequentar, ou já frequentou, locais de sociabilidade LGBT no Centro de Florianópolis? (Bares, baladas, centros culturais, festas...) *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Após a última pergunta desta seção, interromper o preenchimento deste formulário.

6. Qual o nome destes locais que você costuma/costumava frequentar? (no Centro da cidade) *

7. Como você se sente quando frequenta estes locais? Se sente incluído(a) ou pertencente?

*

Marque todas que se aplicam.

- Muito bem (bastante incluído/pertencente)
- Bem (incluído/pertencente)
- Mal (pouco incluído/pouco pertencente)
- Muito mal (excluído/não pertencente)

8. Por que você frequenta estes locais? *

9. Como você é tratado(a) pelos outros frequentadores destes locais? **Marque todas que se aplicam.*

- Muito bem
- Bem
- Com indiferença
- Mal
- Muito mal

10. Percebe conflitos entre os diferentes grupos sociais que frequentam estes locais? **Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

11. Já sofreu algum tipo de violência social (física/moral) nestes espaços? Relate. *

12. Costuma frequentar estes espaços em diferentes momentos do dia?*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

13. Percebe alguma mudança nestes espaços ao longo dos diferentes períodos do dia? Se sim, que tipo de mudança? *
